

32:7
116

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRIPTORIOS · RUA DA
EMENDA, 45 · LISBOA · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO

HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE
GERENTE

JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMIN-
GOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COM-
POSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA
DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

VICTOR FALÇAO
SECRETARIO GERAL



AS ARMAS, SOLDADOS DO BOM SENSO!

Desordem na politica, na litteratura, nos costumes, nas artes, nas industrias e no commercio, desordem geral em todas as manifestações da vida portugueza.

O futurismo, sem que nem nós nem elle dêsemos por isso invadiu e domina tudo, desde os cerebros dos governantes e as repartições do Estado até aos aspectos mais particulares da vida individual.

Novos arautos da anarchia, os senhores futuristas escouceiam a grammatica, a geometria, a arithmetica, a moral, a disciplina, os velhos principios immortaes que regem o mundo desde a noite dos seculos, ostentando um orgulho que só pôde ser tomado como symptoma iniludivel de loucura e um desprezo por todas as conquistas da civilização e todas as maravilhas do Passado, para que só seria sufficiente castigo a prisão perpetua e o açoite na praça publica.

Fautores da desordem e da revolução, bastardos invejosos do genio creador, iconoclastas impenitentes sem Fé nem Patria, tendo no sangue o virus desorganizador do mais perfeito individualismo, os futuristas conscientes ou inconscientes, officiaes ou officiosos, celebres ou anonymos que invadiram como uma praga daninha todo o mecanismo da nossa vida social, precisam ser corridos, á gargalhada quando inoffensivos, á chicote quando insolentes e perigosos, do nosso meio já corrompido e infectado por tantos germens de dissolução.

Estamos fartos de palavras loucas. Os futuristas das gerações passadas só encontravam, para lhes fazer frente, velhos de muito saber e boa vontade, mas de energias alquebradas. Felizmente, porém, a taça transbordou e a geração nova resgou, indignada, a bandeira da anarchia, para arvorar, na haste das suas lanças aguerriadas, o estandarte victorioso do Bom Senso.

H. C. F.

CASOS DA SEMANA

O REGRESSO DOS PROSCRIPTOS

A amnistia votada no parlamento absolveu todos os sacerdotes proscriptos, abrindo-lhes as portas da Patria, bem como ao sr. Homem Christo, escriptor e polemista republicano.

Partilhamos commovidamente a alegria d'esses homens que, expulsos da veiga natal e fóra das condições naturaes da sua existencia, melhor do que ninguém poderam sentir que o amor da Patria é alguma coisa mais do que um preconceito, que não é apenas um habito creado em nós pela satisfação d'um velho compromisso contractual, mas sim uma realidade organica inherente á nosa vida moral e mesmo á vida dos nossos sentidos.

A Ideia Nacional envia aos proscriptos amnistiados as suas mais calorosas saudações, especializando, entre todos, o sr. Homem Christo a quem o nosso director está ligado por sentimentos que, como o amor da Patria, são primaciaes na vida affectiva dos homens.

O INCENDIO DO ARSENAL

As declarações dos ministros, que citámos no nosso numero passado, não esclareceram ninguém sobre a verdadeira auctoria do attentado. Apenas conseguiram aggravar as responsabilidades d'um governo que se confessa previamente avisado e que não toma as necessarias medidas de precaução. O ministro da guerra teve mesmo o topete de commentar o caso com estas palavras: «—Hão-de convencer-se de que estamos em guerra com a Allemanha...»

Ora a primeira pessoa que devia estar convencida d'isso era ele, ministro da guerra. Porque se não convenceu? Para que os factos nos convencessem a nós?

Ora, pois, sr. ministro...

A EXPULSAO DOS ALLEMÃES

Como bons patriotas, não podemos deixar de applaudir a medida governativa que afastou de Portugal os subditos do imperio allemão. E' uma medida de defeza, tanto mais necessaria e de tanta mais urgente execução, quanto é certo que a Allemanha não se limitou a organizar o ataque ao mundo latino dentro das suas fronteiras...

Quando o imperio nos declarou a guerra, a imprensa alemã affirmou unanimemente que as suas armas chegariam a Lisboa. Não nos competindo a nós abreviar o caminho que separa Berlim da nossa capital, o decreto que expulsou os subditos do kaiser era de todo ponto util e justo.

SEMANA SANTA

POPULUS MEUS!

Ha quantos annos já, ha quantos annos, que os martyrios floresceram sobre o calmo jardim de Epicuro!

Ha quantos annos já que Diniz, areopagista de Athenas, mago de Heliopolis e adorador pagão do «deus desconhecido», sentindo a terra tremer e o sol ennegrecer-se, entre lagrimas suspeitou de que Jesus soffria sobre os penhascos do Golgotha!

Desde então, os homens e as nações, as searas e os lyrios, amanheceram ao clarão de auroras novas. Pedro guardou a herança divina. A Igreja, sponsa christi, elegeu Roma para claustro do seu piedoso recolhimento e deu, na frente de Cesar, o beijo espirital que fez da nossa raça latina, a madre fecunda da civilização e a irmã-gemea da Belleza.

Bemdigamos, hoje mais do que nunca, a bondade do Senhor que, depois de soffrer para remir todos os homens, nos escolheu a nós, latinos, como guardiões e missionarios da sua Verdade. Meditemos o lugubre destino d'aquelle povo que, por mal pagar os beneficios de Deus, perdeu a Patria e o rumo da sua vida terrestre. Defendamos, pois, a verdade catholica contra todos os inimigos que a ameçam e confiemos a Jesus Christo a salvação do mundo latino.

LISBOA CATHOLICA

A Semana Santa passou. Durante dias, a nobreza, o clero e o bom povo de Portugal fizeram a romagem das igrejas ltuosas; agora, a Paschoa florida abre um claro riso nos olhos e nas almas. As grandes ruas de Lisboa mal chegavam para a multidão piedosa. «Como pode ser isto? murmurou Urbano ao ouvido do dono.» O dono não soube responder-lhe. A um e outro aconselhamos a traducção d'estas palavras immortaes:

«Tu es Petrus et super hanc petram aedificado ecclesiam meam: adversus eam non prevaletur portae inferi.»

NEM DESCUIDO, NEM BLASPHEMIA...

Malus cum sutor
...medicinam facere coepisset...

N'este caso, não foi o sapateiro que se fez medico mas o medico que se fez sapateiro...

Com effeito, a publicação do desenho que exornava a nossa primeira pagina não foi obra de um descuido; por este lado, o zelo ecclesiastico da Ordem era desnecessario. Mas, não havendo descuido, muito menos houve, da parte do nosso Director ou mesmo do nosso secretario geral ou do redactor-em-chefe e do colaborador artistico da nossa revista, o mimimo intuito blasphemico; a Ordem sabe-o e poderia delicadamente abster-se de pronunciar esta palavra—blasphemia, referindo-se a uma publicação que se propõe servir a verdade catholica.

Embora não communguemos no criterio d'arte que orienta a technica de Almada Negreiros, houvemos por bem illustrar a iconographia da Paixão com o seu desenho original.

A intenção religiosa do desenho deduzia-

se naturalmente das intenções conservadoras e catholicas que estão no programma da Ideia Nacional e das quaes ninguém, absolutamente ninguém, poderá duvidar sem correr o risco de o tomarmos immediatamente á nossa conta...

Aquelle bizarro desenho e aquella bizarra combinação de côres, tendentes a vincarem, na figura de Christo, a humanidade da sua dôr independentemente da humanidade das suas feições, poderiam magoar a sensibilidade artistica da Ordem, Cato lector de gosto difficil, mas não a auctorisam a duvidar do nosso catholicismo. Mais delicado, muito mais delicado do que a Ordem, foi aquelle animal da fabula celebre:

Asinus jacentem vidit in prato lyram...

OS ULTIMOS LIVROS

PÃO ALHEIO por Luiz d'Almeida Braga

«Este livro trata da vida e magnanimo esforço, claros feitos e excellentes costumes e manhas dos flamengos; seguindo-se outras cousas e historias que acontece. ram na boa terra de Flandres». Assim escreve Luiz d'Almeida Braga, «peregrino do silencio», na frente d'este livro onde se fala d'um pão alheiro que alimentou o seu espirito, enquanto andou, por paizes estrangeiros, remindo o nobre peccado de se ter batido em Chaves pela causa d'El-Rei.

A MINHA TERRA, por Antonio Correia d'Oliveira

O maior poeta portuguez do tempo moderno, enriqueceu agora a arte nacional com o terceiro e o quarto cantos do seu novo poema «A Minha Terra».

Leitor: repousa, sob esta sombra de Bondade e junto a esta pura fonte de Belleza, os teus olhos fatigados!

O LIVRO DAS ORAÇÕES, por Alfredo Pimenta

O Livro das Orações não é bem o livro do estheta que escreveu as Palavras de Arte e a quem Luiz d'Almeida Braga dedicou, no ultimo numero da Ideia Nacional, umas justas observações. Não é: — Wild ajoelhou-se aos pés da cruz e bemdisse do lar a belleza religiosa...

A Ideia Nacional referir-se-ha mais detalhadamente a estes nobres documentos da nossa vida litteraria.

SCENAS DA GUERRA

NO «MÉTRO»

Os grandes perigos, disse Victor Hugo, tem isto de bom: põem em fóco a fraternidade dos desconhecidos. A batalha de Verdun restituiu aos parisienses essa communição de sentimentos e de preocupações que os levava, no principio da guerra, a metter conversa com um visinho de tramway ou com um transeunte parado ante os elitaes.

Entra um fulano, com a Liberté na mão, dentro do «metro». Os passageiros já installados subiram em estações onde ainda se não vendiam os jornaes da noite. Todos os olhos se voltam para o recém-chegado que, comprehendendo logo aquella pergunta silenciosa, diz simplesmente:

—Aguentamo-nos...

O GENERAL-MARQUEZ DE CASTELNAU

O general de Castelnau, chefe do Estado maior do exercito francez era, já antes da guerra, uma grande figura militar, apenas ignorada do publico. Os seus principios realistas e catholicos açularam sempre o odio radical. Quando em 1914 M. Etienne, antigo ministro da guerra, concedeu uma pensão em Saint-Cyr a um dos sete filhos de Castelnau, (tres dos quaes já morreram no campo da honra), os radicaes interpellaram-no violentamente. Etienne subiu á tribuna e bradou apenas:

«—A França nunca poderá agradecer condignamente os serviços que esse official tem prestado á nossa Patria!»

Esses serviços então ignorados e que consistiam na admiravel preparação da mobilização franceza, deviam ainda ser ultrapassados pelo gentilhomen cujo genio militar salvou Nancy, organizou a victoria de Champagne e fez deter, perante Verdun, a onda invasora do inimigo.

Uma das glorias de Joffre será esta: ter mantido no seu posto, contra tudo e contra todos, e na vespera da guerra, aquelle que devia illustrar-se mais tarde no Grand Couronné. E' por taes escolhas que se reconhece o golpe de vista e a perispicacia d'um chefe; estas mesmas qualidades se revelaram em Castelnau quando chamou, para continuar a defeza de Verdun, esse heroico general Pétain que elle vira já trabalhar junto d'elle, sobre as collinas do Artois e nas planicies de Champagne.

De resto, na sociedade, tudo se engendra e encadeia por esta forma:—a justiça da primeira escolha determinou a felicidade de todas as outras. O mesmo encadeamento se daria, mas com resultados bem diversos e em prejuizo do interesse nacional francez, se Clémenceau tivesse conseguido, no outomno de 1913, expulsar o general Joffre do conselho superior da guerra ou se alcançasse agora saciar o odio jacobino que vota a Castelnau, o «capucin botté» como elle lhe chama.

Principiis obsta!

PRATA DA CASA

ROCHA MARTINS

A Ideia Nacional não pôde deixar de honrar-se com este acontecimento notavel: —Rocha Martins, romancista, historiador, pamphletario e jornalista monarchico; Rocha Martins colaborador permanente da nossa revista, cujos trabalhos de evocação historica veem tendo, á nossa volta, um tão formidavel successo, acaba de penetrar no douto claustro dos immortaes portuguezes, n'essa Academia Real das Sciencias cujo limiar o sr. Affonso Costa não conseguiu ainda transpôr. Isto honra duplamente os notaveis de Jesus. Honra tambem Rocha Martins cujo talento fica assim oficialmente consagrado. E honra-nos a nós que o temos cá, entre a melhor prata da casa.

VERSOS

Publicaremos no proximo numero dois bellos poemas que Antonio Sardinha recortou, para nós, do seu novo livro inédito «Sonetos da Expição».

D'este modo, Antonio Sardinha segue, no quadro dos nossos poetas, a grande figura saudosa do Conde de Monsaraz de cujo livro posthumo «Lyra d'Outomno», Alberto Monsaraz tirou, para os leitores da Ideia Nacional, o extraordinario soneto que publicámos no nosso ultimo numero.

PACIENCIA

Não nos foi permittida a inserção da nossa primeira pagina a côres. Dura lex, sed lex...

Como o «côrte» se deu á ultima hora, não podémos de fórma nenhuma substituil-a.

*

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Por nos ter chegado demasiado tarde, foi-nos absolutamente impossivel incluir n'este numero e n'este logar, a chronica do nosso eminente colaborador Alvaro Pinheiro Chagas, intitulada a Semana.

Mas nem por isso os nossos leitores deixam de gostar a sua prosa cheia de espirito e de belleza, visto que o illustre jornalista collabora a partir d'hoje nas nossas secções — Theatros e Pagina da Mulher, bem como Antonio Carneiro e Dom José Paulo da Camara.

Saiba morrer quem viver não soube!

POR

HOMEM CHRISTO FILHO



Terminadas as festas religiosas da Semana Santa não é fóra de propósito attentar na maneira como os jornaes do regimen se referiram a este acontecimento, nos dias de *união sagrada*

que vão correndo.

Nós já estamos habituados, de longa data, ás mil insidias da deslealdade e da calúnnia republicanas; a experiencia já devia ter-nos ensinado a não extranhar as diversas manifestações da morbida nevrose democratica de que o paiz vem soffrendo, ha seis annos, as tristes consequências. Mas a sinceridade cega, como a perfidia. E nós, que desde a primeira hora da guerra europeia, desde agosto de 1914, quizemos, para obedecer á nossa consciencia patriótica e ás ordens de El-Rei, evitar os sobresaltos na politica interior susceptiveis de diminuir a nossa força perante a ameaça do estrangeiro, convencemo-nos por vezes de que o amor da Patria levaria os nossos adversarios a procurarem de boa-fé uma plataforma onde todos os portuguezes pudessem encontrar-se para a defesa do patrimonio e dos interesses nacionaes.

Enganámo-nos então duramente, como nos vamos enganando hoje. Em 1914, o governo da republica correspondeu á nossa campanha em favor da união sagrada,—campanha de que são eloquentes testemunhos o entusiasmo com que secundámos as instrucções do nosso augusto Soberano, a viagem que propositadamente fizemos a Londres para ouvir da bocca de El-Rei a confirmação da sua carta de 15 de agosto e os artigos, subordinados aos titulos *Declarações e Política Nacional* que no regresso publicámos na *Restauração*, com a devida auctorisação e approvação de Sua Magestade,—o governo da republica correspondeu a essa nossa leal e patriótica attitudo deixando destruir barbaramente o nosso jornal pela multidão assalariada, mandando-nos prender horas depois de rebentar o movimento de Mafra e expulsando-nos finalmente do paiz por *trez* annos, depois de se ter provado não só que não tinhamos collaborado mas até que tinhamos contrariado, por todos os meios ao nosso alcance, essa desastrosa aventura.

Só falamos d'um caso pessoal—perdõem os leitores—para mostrar concretamente a injustiça e a deslealdade do regimen, a dolorosa decepção, que nos causaram as nossas ingenuas illusões. Enganámo-nos então, como hoje, porque hoje, como então, os republicanos, ao passo que nós antepômous aos interesses da Monarchia os interesses da Patria, teem porfiado em antepôr invariavelmente ás necessidades da Patria os interesses inconfessaveis da Republica.

Enganámo-nos então, como hoje. N'esta hora em que aos jornalistas e a todos aquelles que teem alguma influencia na opinião publica assistia o imperioso dever de não susceptibilisar os principios nem as crenças de ninguem, os órgãos do governo não hesitaram em chasquear da piedosa devoção com que os catholicos accorreram ás cerimoniaes religiosas da Semana Santa. Todos os jornaes affectos ao regimen encheram columnas a descrever os Officios; mas rarissimos foram aqueles que o não fizeram em ar de chacota, escarnecendo dos sentimentos de funda piedade christã que ainda vivem, felizmente, no coração do nosso povo, lançando insidiosas suspeições sobre a sinceridade dos

fieis e gracejando estupidamente a proposito dos minimos incidentes e detalhes da vida religiosa.

Inconscientes e maus, os homens que teem responsabilidades na hora presente não cuidam de saber até que ponto a sua inqualificavel conducta pode comprometter a *união sagrada*, reforçar antinomias e acirrar odios, apenas momentaneamente suffocados. Ao mesmo tempo que atordoam os ouvidos do povo com as estafadas hyperboles da rethorica patrioteira, empregam todós os meios de manter e fomentar a desunião nacional de que elles foram os inconscientes e criminosos auctores. Os monarchicos são, para elles, os réprobos que vivem da sua complacente generosidade. Os catholicos devem a vida e o goso da liberdade á magnanima e democratica virtude do sr. Affonso Costa a quem teem, portanto, de render preito e homenagem respeitosa. E uns e outros, constituindo a grande e esmagadora maioria da nação, são todavia aqueles de que a republica precisa para irem batalhar, e vencer ou morrer, nas planicies flamengas e nos desertos africanos.

O mais elementar bom senso, a consciencia rudimentar d'um dever patriótico que é preciso cumprir, exigia da parte dos governantes e dos seus partidarios que respeitassem as susceptibilidades de todos os portuguezes fôsse qual fôsse o seu gremio político e a sua crença religiosa. Não succede, porém, assim, e mal vae ao paiz cujos dirigentes são os primeiros a dar o exemplo da infidelidade aos principios que proclamam e do não cumprimento dos deveres que a todos incumbem.

Quer isto dizer que lhes sigamos os passos e respondamos á sua deslealdade com deslealdade igual? Tal procedimento não seria digno de nós, nem do Rei que temos a honra de servir, nem da Patria que nos cumpre defender. Não cessaremos de aconselhar os nossos correligionarios e amigos a que dominem a sua justificada indignação, conttenham as explosões da sua colera e não se afastem jámais do caminho direito do dever. A democracia é a negação da ordem, da disciplina, da justiça e do methodo, condições indispensaveis para fomentar a prosperidade na paz e conquistar a gloria na guerra. Mas já que não podemos ou não soubemos restaurar a Monarchia quando a situação internacional nol-o permittia e até nol-o impunha; já que demos essa prova da nossa incompetencia e da nossa cobardia, sacrificando o interesse da Patria ao interesse egoista da nossa commoda indifferença, mostremos agora que também somos capazes, nas horas de perigo, de resuscitar a nobreza e a bravura dos nossos antepassados de outras eras, callando os nossos justos despeitos e morrendo no nosso posto de honra.

Este é o merecido castigo e a unica fórmula de resgatar os nossos erros, as nossas faltas, as nossas abdicções. As mães aconselhavam os filhos a que se não mettessem em loucuras, a que tratassem dos seus negocios, a que não escutassem a voz prophetica dos patriotas que proclamavam a necessidade dolorosa da revolução para restaurar a Monarchia e garantir assim efficaçmente o paiz contra os perigos do interior e do exterior; muitos dos officiaes do exercito que tinham compromettido a sua palavra de honra em movimentos monarchicos projectados faltavam, á ultima hora, a esse compromisso solemne, argumentando com os deveres que os ligavam ás suas mulheres e aos seus filhos; o egoismo, a indifferença, a co-

bardia eram taes que muitos de nós, com qualidades de suggestionadores, haviamos perdido a esperanza de galvanisar estes cadaveres.

Pois senhores: a hora chegou. Tinham medo de morrer? Pois vamos morrer. O destino inexoravel já não permittie discussões nem evasivas. Apenas o scenario mudou, para peor: em vez de nos batermos no Rocio ou na Rotunda, bater-nos-hemos em Flandres ou em Salonica; em vez das bombas da *formiga*, os obuzes de 42, e em vez dos carbonarios,—os allemães.

Saiba morrer quem viver não soube! No fundo da nossa alma de portuguezes ainda ha-de haver um resto de heroismo, do grande heroismo do Passado.

Alberto Monsaraz, o poeta d'esta geração que vae dar á Patria o melhor do seu sangue, das suas ambições e das suas esperanças, escreveu um dia um soneto que traduz em versos geniaes a dôr e o dever da hora presente:

Escutae: uma voz que se lamenta soluça, enche de lagrimas o ar: Voz da raça diluindo-se, agoirenta, no carrilhão das ondas a dobrar...

A Patria vae morrer! Nem mesmo tenta reerguer-se dentre as cinzas do seu lar... Sangue de mil seis centos e quarenta já não tens veias onde palpitar!

A Patria vae morrer... Oh gente nova, que um subito remorso vos commova e, abraçando-a no pó da mesma vda,

sepultae-vos, por ultimo dever... Saiba ao menos na Morte acompanhá-la quem da Morte a não soube defender!

Saiba ao menos na Morte acompanhá-la quem da Morte a não soube defender!

HOMEM CHRISTO FILHO

Aos nossos assignantes

Já começámos a enviar para as estações do correio os recibos d'assignaturas correspondentes a um semestre. Rogamos aos nossos presados assignantes a especial fineza de os pagarem logo que elles lhes sejam apresentados. Assim nos evitarão grandes prejuizos.

Para elucidação dos nossos assignantes reproduzimos aqui, mais uma vez, a nota que publicámos no numero 19 d'*A Ideia Nacional* e que é do theor seguinte:

Quando A IDEIA NACIONAL se viu forçada, pelo exilio do seu Director, a interromper a sua publicação, muitos dos nossos amigos tinham já pago o primeiro trimestre da sua assignatura, não chegando todavia a receber os 24 numeros a que tinham direito. A'quelles dos nossos leitores que desejem ser indemnizados do prejuizo soffrido, pedimos o favor de o participarem ao Sr. Victor Falcão, Secretario Geral da IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45 r/c—LISBOA, afim de lhes ser enviada gratuitamente esta Revista durante 6 numeros, a que teem direito.



A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

I—A paz interior

PASCAL dizia que a paz interior, durante a guerra com o estrangeiro, é a mais segura condição da victoria. No dia em que os homens conquistaram a liberdade de satisfazer, mercê d'uma commum participação no governo do Estado, os varios e adversos caprichos da sua sensibilidade, da sua intelligencia e do seu ambicioso egoismo, a manutenção da paz interior tornou-se impossivel e a phrase de Pascal, timbrada pela videncia heraldica do genio, ganhou um alcance maior.

Aboliu-se a força coordenadora da Realeza e a sanção da sua auctoridade. Instituiu-se um regimen de livre-exame de livre concorrência, de livre critica. O livre-exame gerou a anarchia nas consciencias, a livre concorrência proclamou a tyrannia dos mais fortes ou o desequilibrio dos valores sociaes, a livre critica fomentou e consagrou essa anarchia, esse despotismo, esse desequilibrio e cavou mais fundamentalmente as divisões que d'elles promanaram. Superior ás classes e aos partidos, a Realeza tem auctoridade e prestigio para, em caso extremo, impôr coercitivamente a paz interior de que Pascal fallava; os governos democraticos, porém, não só não teem prestigio para apagar divisões que a sua natureza originou, como também não teem auctoridade para coarctar a quem quer que seja aquella liberdade de pensamento e de acção que a todos prometteram.

O que succede entre nós, «o facto incontestavel de se ter aggravado com o estado de guerra a brava anarchia espirital em que ha annos vivemos», representa apenas uma dolorosa exemplificação do que affirmei. Monarchico, republicano, socialista, catholico ou livre pensador,—ninguem d'entre nós conseguiu ainda modificar os habitos, os processos e as attitudes que este regimen de guerra civil naturalmente nos impoz. Não podémos esquecer, d'um instante para o outro, os aggravos e danos que mutuamente nos fizemos; o perdão é a virtude mais proxima de Deus e a mais afastada, portanto, da nossa humana natureza. Assim, não pertence aos homens a culpa do mal que nos afflige, mas sim a este regimen em que o odio e a lucta interior desempenham uma função organica e constitucional.

II—Reconsiderar, prevér, es- perar!

Mas posto que este regimen conduz os destinos da Patria e posto que qualquer tentativa feita agora para substituí-lo seria um acto criminoso e pareceria um gesto traiçoeiro, cumpre aos homens de clara intelligencia darem o exemplo d'aquellas nobres virtudes de isenção sobre que, á falta d'outros estímulos, deve assentar a união sagrada. Urge, por outro lado, que o governo, á frente do qual se encontra um orador notavel, defina o conceito pleno d'estas duas palavras para que o seu silencio não justifique os desacertos commettidos pela imprevidencia d'uns e pelo natural desvario d'outros. Urge igualmente que esse conceito governamental seja imposto aos partidos e ás classes, usando o governo, para isso, d'uma auctoridade que poderá ser contraria aos principios republicanos, adversa mesmo aos interesses dos partidos, mas que terá aquella sagrada origem de todo o poder legitimo que é, mais uma vez o repito,—o interesse da nacionalidade.

Argumenta-se contra o uso de certas medidas excepcionaes, affirmando-se

que as condições do nosso estado de guerra as não requereram ainda. Este argumento seduz aquellos que não tem o aristocratico amor do raciocínio; se com effeito, como ficou demonstrado no paragrapho anterior, foram os maus hábitos adquiridos em tempo de paz que nos conduziram á anarchia espiritual d'este momento *d'avant-guerra*, o nosso dever é contrariar-os e modificá-los agora para que não prevaleçam quando, talvez dentro em breve, chegue sobre nós a hora de lutar. A Providencia deu-nos este largo ensejo de reconsiderar e de prevêr: reconsideremos, prevejamos, pois, com os olhos postos no pelicano real; algum de nós que, entretanto, voltar os olhos para os interesses da sua Causa, aparentemente menosprezados, deverá murmurar aquella nobre divisa do Cardeal de Bernis: *J'attendray!*

III—O rumor infame

Mas exactamente porque ao governo cumpre definir e impôr a união sagrada, apraz-me chamar a sua attenção para a campanha movida pela imprensa republicana contra um determinado grupo da familia portugueza. Diariamente, os jornaes que servem o ministerio produzem suspeições infamantes sobre o nosso patriotismo, insinuam provaveis actos de traição e de suborno, commettidos por monarchicos em proveito da Allemanha,—tudo isso no manifesto intuito de amotinarem contra a população conservadora a lugubre banda de desordeiros que ha seis annos armaram para a guerra civil. Quando semelhantes accusações não fôsem filhas da calumnia democratica, o dever d'esses *condottiere* da desordem seria leval-as, a bem da justiça e da ordem, ante quem tem o encargo profissional de esclarecê-las. Atirar com ellas á opinião publica, revolver com ellas a lama d'esse pantano immenso, é abrir na união sagrada uma chaga profunda e mais do que todas incuravel. O governo tem a obrigação urgente de impedir semelhante desastre. «*E' preciso agir e agir depressa... Ha medidas que não carecem de parlamentos, nem de longos conselhos de ministros, nem de commissões especiaes de estudo. Basta intelligencia e consciencia da gravidade da hora presente e um acto de energia e de decisão.*» Estas palavras não me pertencem, não me foram ditas pelo desprezo a que voto certas instituições democraticas (parlamentos, conselhos e commissões) onde se faz inutilmente a *gaspillage* de todas as energias e de todas as boas vontades. Pronunciou-as o sr. Leotte do Rego, a proposito do incendio do Arsenal, talvez movido pela força d'uma educação realista e militar contra a qual nada poderam agora os seus recentes preconceitos republicanos. E se o sr. Leotte do Rego as pronunciou para servir o interesse d'um partido, ninguém ousará contestar-me o direito de as trancrever para servir o interesse da Patria.

IV—O valor das convicções

As calumnias da imprensa republicana apparecem por vezes á guiza de respostas a commentarios e criticas do jornalismo monarchico; mas por mais violentas que sejam, essas criticas não pretendem crear entre soldados do mesmo exercito a peor das desconfianças, denunciando germanophilos e traidores. A união sagrada não implica abdicções, não ordena ao pensamento que se detenha no estudo dos problemas politicos ou que não reflecta sobre as dolorosas lições que o estado de guerra deu ao nosso culto da verdade.

Desde que a livre analyse do dia-a-dia governativo não ponha em cheque a autonomia do governo e o não deixe a descoberto perante as intrigas ou os ataques do adversario commum; desde que,

principalmente, não sirva para conculmar á discordia civil esta ou aquella facção politica por meio dos «rumores infames» a que me venho referindo,—o governo pôde permittir-a e aceitar mesmo as suas patrioticas advertencias.

Que importa, de resto, á defeza da Nação, a defeza e a propaganda que nós fazamos da nossa philosophia politica, das nossas certezas e das nossas crenças? O escriptor socialista Bracke fazia ha poucos dias na *Humanité* esta poderosa justificação das minhas palavras: «*c'est dans ses convictions mêmes, si diverses qu'elles puissent être, que chacun puise la raison de patience, d'energie, d'activité...*» E não será, decerto, por aproveitar a paciencia, a energia e a actividade a que nos obriga a propria natureza das idéas realistas, que o governo republicano deixará de cumprir os seus pesados deveres para com a Nação.

V—Em prejuizo da União Sagrada

Mas essa campanha de guerra civil feita pela imprensa republicana reveste, de dia para dia, novos e irritantes aspectos. Acabo de lêr agora uma entrevista do sr. João de Barros, poeta official e

alto funcionario do Estado, com o ministro dos negocios estrangeiros, em que se insinua ter o representante da Inglaterra affirmado «que a requisição dos navios allemães, não só pelo acto em si, como pela maneira porque foi executada, concorrera de modo decisivo para a consolidação da Republica, tanto interna como externamente».

Todos nós sabemos, no emtanto, que a opinião republicana, n'uma d'essas reviravoltas communs a todas as multidões inferiores, não precisa já de incentivos para renejar os seus odios de 1890. As insinuações de João de Barros só conseguiriam, pois, fomentar contra a Inglaterra a má-vontade e a descontinua de quantos vêm na consolidação da republica um perigo para a Patria, e esses são inegavelmente muitos milhares dentre os soldados que amanhã terão de bater-se para honrar os compromissos da nossa alliança.

Não nos seria difficil contraminar a desastrosa impressão que o curso de semelhantes falsidades produzirá em Portugal e no Brazil. Preferiamos, porém, que o governo domasse, em beneficio da União Sagrada, o matoidismo destes altos conductores da desordem.

JOÃO DO AMARAL

H' ordem d'El-Rey

POR

ALBERTO MONSARAZ

I

Meu pobre amigo:

As suas palavras escriptas febrilmente, nervosamente, no cumulo da indignação, no auge da furia, não conseguiram irritar-me sequer. Achei-as naturaes, logicas, inevitaveis. Contava já com ellas. Você, liberalista e cartista da velha guarda, tem sempre no que escreve e no que diz sinceridade de sóbra a resgatar-lhe a falta de sensatez. E' um ideologo, um sonhador, um visionario. Se fôsse dado ás lettras, seria o ultimo romantico; assim, como politico, é apenas um dos ultimos liberaes. Porque o romantismo—já lh'o tenho repetido tantas vezes!—foi no campo da arte o que foi o liberalismo na esfera da politica: — a um tempo a causa e o effeito d'esse violento, amplo terramoto revolucionario de 89, que tudo confundiu, sentimentos e idéias, homens e nações, no mesmo desvairo de inconsciencia.

Acredito, meu amigo, quando me afirma que bebeu a Liberdade com o leite e, portanto, nunca poderemos estar de accordo. Mas, olhe, eu tambem me convenço de que bebi com o leite a Liberdade pelo muito que enjoei e detesto semelhante alimento. Sabe Deus se não virá, cedo ou tarde, a acontecer-lhe a mesma coisa. Já não está muito novo, é certo, mas, com a graça divina, talvez possa ainda aprender a linguagem que nós falamos.

Só teria pena, verdadeira pena, das suas cartinhas, tão cheias de inconsciente humorismo, tão irresistivelmente patuscas! Parecem-me todas filhas menores da Carta Constitucional. A de hoje então é preciosa entre as mais preciosas. Você conhece a fundo a politica internacional, vê melhor do que ninguém na complicada situação interna do paiz; censura, decreta, põe e dispõe.

«A Republica ha de ser sempre uma ignominia! El-Rei, nas suas instruc-

ções, manda-nos adherir em massa á Republica, logo El-Rei é um renegado, está feito com elles, é peor ainda do que elles. Só vencendo a Allemanha acabará na Europa o dominio da Maçonaria...» emfim: o espirito reincarnado de mr. Prudhomme no cerebro portuguezissimo do conselheiro Accacio. Não se zangue. Mais uma vez venho caturrar comsigo.

Você não terá emenda mas eu tambem já vou acreditando que não chegarei nunca a emendar-me. Custa-me, que diabo, este equivoco social e politico em que os liberaes da minha terra se obstinam em viver.

Detestam o regimen, atacam por todas as fórmulas a republica e no fundo, lá bem no fundo, sem que o suspeitem, não passam d'uns miseros republicuetes. Ora vejamos: Pôde haver monarchia sem Rei? Não pôde. Será possivel haver Rei sem o natural prestigio da Realeza? Tambem não. Portanto, se desprestigiarmos Sua Magestade, censurando-lhe as ordens, criticando-lhe os planos diplomaticos, querendo para cada um de nós um millimetro d'esse Augusto Sceptro que só Elle devêra empunhar, fazemos obra republicana, afastamos a hypothese viavel d'uma proxima Restauração. Não pôdem os architectos levantar abobadas sobre columnas a que previamente hajam desmórado os capiteis. A Monarchia deve representar em face da desordem democratica a maxima organização social, isto é, a hierarchia nos cargos e nas funções, o respeito pela auctoridade só porque é auctoridade, a victoria do principio de obediencia dogmatica ás ordens superiores, por isso que são ordens e manda quem pôde mandar. A Realeza bem entendida é uma vasta e altissima escadaria, com o Throno lá em cima e na qual se ostentem at é base, até ao ultimo cidadão, todas as classes sociaes organizadas que compõem a Nacionalidade, as varias *élites* e aristocracias do

sangue, do capital e do trabalho, cada uma no seu respectivo degrau, só escutando as que lhe ficarem superiores, falando apenas ás que estejam dispostas mais abaixo. O contrario d'isto não é Realeza, é Democracia, coroada ou não coroada, essa democracia réles e niveladora cuja perfeita imagem encontramos em qualquer planície inculta retalhada de pantanos. Ainda mesmo quando não fossem evidentes e claras as razões diplomaticas que levaram El-Rei a exigir temporariamente dos seus subditos o sacrificio das idéias que professam, nós outros monarchicos deveriamos obedecer sem discussão a Sua Magestade pelo simples facto de ser Elle o Soberano e do Soberano estar sempre identificado, por instincto de conservação dynastica, com os mais altos interesses da Nação.

Porque d'antes nos considerámos *partidarios* do Rei e não seus *vassallos*, é que hoje somos vassallos de Affonso Costa embora não sejamos seus partidarios. Você não concorda, mas é assim. Diz-me que o Senhor Dom Manuel II procedeu inconstitucionalmente não consultando em assumpto de tanta gravidade (havia lá tempo para consultas) a commissão politica do partido.

Como pôde o meu amigo e quejandós liberalengos pedir responsabilidades ao Monarcha em nome da Carta Constitucional, quando a propria Carta Constitucional, por uma d'essas estranhas ficções da ideologia vintista, o declarava politicamente irresponsavel perante a Nação? Sejam logicos ao menos a dentro do erro, já que não querem abraçar a verdade.

Havendo razões diplomaticas de peso, affirma ainda você, tinha Sua Magestade restricta obrigação de as transmittir á opinião publica monarchica em vez de nos mandar as simples ordens infundamentadas do seu telegramma. E' claro: os segredos das chancelarias proclamados aos quatro ventos da insanía partidaria; uma refeição intima em que se tratam dos mais graves problemas de politica futura, transformada por esse Portugal fóra n'um verdadeiro bôdo aos pobres—pobres de disciplina conservadora e de obediencia monarchica; cada antigo preso politico discutindo as vantagens e os inconvenientes da Alliança Ingleza; cada ex-official desgaloado a arrogar-se o direito de pôr em duvida os prévios compromissos secretos que foram sempre a base de toda a Diplomacia!

Era isto que você desejava, não é verdade? você e quantos pensam (perdão, quantos sentem) da mesma maneira. Podia lá ser!

O gesto de Sua Magestade resalta hoje clara e nitidamente no fundo brumoso das chancelarias estrangeiras, mas é necessario approximar factos passados, relacionar circumstancias presentes e futuras, n'uma palavra: saber lêr o que não se escreve e escutar o que se não diz. Acha trabalho de mais o meu amigo, esforço demasiado violento para o seu pobre espirito de ideologo inofensivo, simples joguete de impulsos e sentimentos em desordem, tão pouco habituado a concentrar-se na meditação, a raciocinar, pondo de parte hypotheses absurdas e admittindo verosimilhanças? Pois bem, na minha proxima carta procurarei encaminhal-o.

Iremos ambos, como Dante e Virgilio, por essas regiões tenebrosas da politica até áquella porta de bronze do Ministerio dos Estrangeiros, onde deveria lêr-se como na outra, na porta apocaliptica do Inferno:

Per me si va tra la perdutta gente!

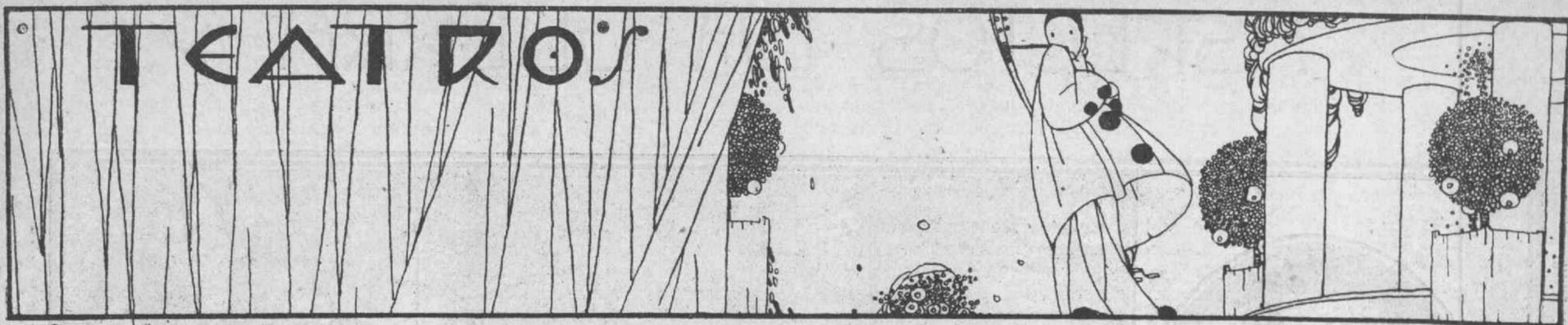
Adeus, meu pobre amigo, se não me quizer ouvir, aos menos deixe-me desabafar. Lastimo-o sinceramente.

ALBERTO MONSARAZ
CONDE DE MONSARAZ

ASPECTOS DA GUERRA



1) Gabriel d'Annunzio. 2) As ruínas da aldeia de Malancourt, celebrada pelos comunicados da guerra. 3) Uma revista em Athenas; o Rei Constantino a cavallo dá ordens a um general de divisão. 4) O povo romano, em Montecitorio, deante da camara dos deputados, aclama d'Annunzio. 5) Dois alpinos, um francez e outro italiano, fraternizam sobre as altas montanhas. 6) Um canhão de 75 montado n'um automovel. 7) O general Pétain, defensor de Verdun. 8) O generalissimo Joffre no quartel general de Foch, o heroe do Marne, que hoje commanda os exercitos do Norte. 9) O romancista Pierre Decourcelle (A) substitue Georges Lecomte (B) na presidencia da Sociedade dos Homens de Letras, que acaba de receber entre os seus membros o general Mallerterre (C) e o abbade Wetterlé (D). 10) Sapador no fundo d'uma mina, escutando a aproximação do inimigo. 11) O principe Alexandre da Servia interroga um official de Douaumont.



A que depois de morta foi rainha

(DRAMA HISTORICO EM 2 ACTOS)

POR
ANSELMO
ACTO PRIMEIRO

A scena representa os saudosos campos do Mondego

SCENA PRIMEIRA

A LINDA IGNEZ, só, aos montes ensina e ás hervinhas, o nome que no peito escripto tem

LINDA IGNEZ—Pedro... P... e... Pe... d... r... o... dro... Pedro... Pe... dro... Estou fatigada... Vem descansar meu corpo donairoso. (Senta-se n'uma pedra e olha em volta). Pois é verdade!... Aqui estou posta em socego, dos meus amores colhendo o doce fructo, n'este engano d'alma ledo e cego. (Solta um fundo suspiro). Ai!... Ora Deus queira que a fortuna m'o deixe durar muito!... Ai!... Quando voltará o meu Pedro!... (Volta-se para os montes e para as hervinhas) P... e... Pe... d... r... o... dro... Pe... dro... (Ouve-se o tropel de cavallos) Quem serão os apressados cavalleiros?... (Vendo entrar os tres horrificos algozes). Ah! que sinistras figuras.

SCENA SEGUNDA

A mesma e os tres horrificos algozes

1.º HORRIFICO ALGOZ—Linda Ignez, manda El-Rei que em vosso collo d'alabastro, férvidas e irosas, nossas espadas banhemos.

LINDA IGNEZ—Horrifico algoz... pois El-Rei que tem de humano o gesto e o peito...

2.º HORRIFICO ALGOZ—Tem... tem... e tanto que já estava movido á piedade.

LINDA IGNEZ—Mas então?!...

3.º HORRIFICO ALGOZ—(Encolhendo os hombros) Sim... mas o povo com ferozes razões á morte crua o persuade... Morrei, pois, linda Ignez. (Enterra-lhe a espada no peito).

LINDA IGNEZ—Ui! Contra uma dama, ó peitos carniceiros...

1.º HORRIFICO ALGOZ (encarniçando-se fero e iroso, e no futuro castigo não cuidadoso)—Morrei! (Fere-a com a espada).

LINDA IGNEZ (para o ceu crystallino alevantando com lagrimas os olhos piedosos)—Ai... que feras vos amostraes, ó cavalleiros!

2.º HORRIFICO ALGOZ—Ai! não... brinca... que o Infante é muito capaz de apparecer por ahi! (Atravessa-lhe o corpo com a espada).

LINDA IGNEZ, (cahindo banhada no proprio sangue)—Morro!... Pedro... meu Pedro... (Voltando-se nas convulsões derradeiras para os montes e para as hervinhas) P... e... Pe... d... r... o... dro... Pe... dro... Pe... (Morre).

CAE O PANNO

ACTO SEGUNDO

A scena representa uma sala do Paço

SCENA PRIMEIRA

D. Pedro I, velhos fidalgos com honrosas cicatrizes, Physico-Mór da Córte, Homens d'Armas

D. PEDRO I—(Sentado no throno ran-

ge os dentes de furor) Brrr... Brrr... Ah! brutaes matadores... fugisteis para Hespanha, mas não esperaveis que com outro Pedro cruissimo o concerto eu fizesse duro e injusto que com Lepido e Antonio fez Augusto!... Ah!... (Voltando-se para os velhos fidalgos com honrosas cicatrizes). Primeiro velho fidalgo com honrosas cicatrizes, a que horas chega o rapido de Madrid?...

1.º VELHO FIDALGO COM HONROSAS CICATRIZES—A's 21 horas e 19, Magesta... Alteza (A'parte) Então não me ia esquecendo que ainda se não dá aos Reis o tratamento de Magestade!

D. PEDRO I (olhando o relógio)—São quasi 22 horas... Primeiro velho fidalgo com honrosas cicatrizes ide saber se os horrificos algozes já chegaram...

1.º VELHO FIDALGO COM HONROSAS CICATRIZES (olhando para os bastidores)—Elles ahi veem, Majes... Alteza (A'parte) Então não me ia enganando outra vez!...

(Entram os 3 horrificos algozes, acompanhados de uma malta)

SCENA SEGUNDA

Os mesmos, os 3 horrificos algozes, guardas

D. PEDRO I—Ah!... Ah!... Ah!... Brrr... Brrr... Sinto o sangue ferver-me nas veias. (A Álvaro Gonçalves) Approxima-te, primeiro horrifico algoz...

Anh!... (Mata-o e tira-lhe o coração pelo peito) Anh!... (Trinca o coração) Agora tu, segundo horrifico algoz (Diogo Pacheco aproxima-se) Anh! (Mata-o e tira-lhe o coração pelas costas) Anh! (Trinca o coração).

PHYSICO-MÓR DA CÔRTE (Approximando-se)—Meu Senhor...

D. PEDRO I—Não me interrompais Physico-Mór da Córte!... (A Pedro Coelho) Chega-te, terceiro horrifico algoz... Anh! (Mata-o e vae para lhe tirar o coração).

PHYSICO-MÓR DA CÔRTE (agarrando-lhe o braço)—Não, Magestade... Alteza, não...

1.º VELHO FIDALGO COM HONROSAS CICATRIZES (Em áparte, esfregando as mãos)—Ah! que o Physico-Mór da Córte também se ia enganando...

D. PEDRO I (Virando-se irritado)—Porque ousaes deter-me o braço, Physico-Mór da Córte?

PHYSICO-MÓR DA CÔRTE (Em tom de respeitosa censura, apontando o cadaver de Pedro Coelho)—Alteza... Coelho... a estas horas da noite... E de mais a mais cru!...

D. PEDRO I—Tendes razão, Physico-Mór da Córte, tendes razão. (Voltando-se para os fidalgos) Primeiro velho fidalgo com honrosas cicatrizes, levae o coração de Pedro Coelho... Que m'o façam para amanhã... (Reflecte um momento) com molho de vilão, que d'outro não é digno quem vilão, e só vilão, em vida foi... Ide.

1.º VELHO FIDALGO COM HONROSAS CICATRIZES—Sim, Alteza. (A'parte, muito satisfeito) D'esta vez não me enganei... não me enganei...

CAE O PANNO

ANSELMO

CHRONICA

POR

DOM JOSÉ PAULO DA CAMARA

REPUBLICA — «POEMA D'AMOR», de E. Schwalbach.

Assim fallou o Guedes, quando lhe perguntámos as suas impressões:

—Isso de theatros, foram tempos! Agora... Bórlas não peço, dinheiro não tenho!...

Limito-me a ouvir os commentarios, côzo-os uns aos outros e faço uma ideia geral.

Foi o que fiz com o Poema d'Amor. Meia noite passada, Rua do Thesouro Velho. Frio cá fóra, calôr lá dentro. Chegam-me aos ouvidos os ecos de estrepitosos applausos. E ouço: Schwalbach... Rosa... Luz Velloso... todos... auctor... auctor... todos... Chaby... Lucinda... todos... auctor...

A peça acabou. As chamadas não acabam... Ninguem sahe. Conclusão á Sherlock Holmes: não é só a claque que dá palmas. Todos applaudem. Ergo: um successo!

Apparecem os primeiros espectadores. Ouço phrases soltas:

—Bella noite!
—O 3.º acto é o melhor.
—O ultimo não lhe fica atraz.

Approximo-me. No pequeno atrio empilham-se homens e senhoras. Uma fila de automoveis mobilisa-se. Ouço: Duas rapariguinhas de 18 annos, uma loira, outra morena, conversam baixo:

A loira:—Um poema de sacrificio tambem, o de Gabriella, não achas?
A morena:—Acho. E de ternura! Como ella é boa e sympathica para o velho Matheus que a fez uma grande artista. E como devia envaidecer-se de ouvir chamarem-n'a a Gabriella do Matheus!

A loira:—E quando elle passou a ser o Matheus da Gabriella. Que tacto o d'ella! Que doçura! E como soube dizer-lhe que os applausos que a alvejavam eram todos para elle, só para elle! Quem me dera ser assim!

A morena:—E se te apparecesse o teu antigo namorado?

A loira:—Soffria, soffria muito, como a Gabriella. Mas na propria dôr encontraria o prazer, se com ella pudesse evitar outra maior ao Matheus.

A morena:—Em todo o caso, bem fez o auctor em matar o pobre velho. Quando ao crime do artista se juntou o crime do homem, torturando-o cruelmente, era a melhor solução.

A loira:—A melhor, por ser a unica. Eu, que toda a noite me incarnei na Gabriella, tive a maior pena.

A morena:—Ha! Isso tambem eu... E entraram para o automovel. Sahem agora dois auctores:

1.º auctor:—Bem sei. Matavas o Schwalbach!

Um espectador:—Nunca vi um estudo tão perfeito, dentro do theatro, do theatro por dentro.

Outro espectador:—O trocadilho é pessimo; a observação é optima.

S. BENTO—«A AMNISTIA», comedia de Antonio José d'Almeida e Affonso Costa.

Precedida de um grande réclame, o qual, tanto como a demora em vêr a luz da ribalta, espicaçava a curiosidade publica, subiu finalmente á scena em S. Bento a comedia burlesca «A Amnistia», original dos srs. Antonio José d'Almeida e Affonso Costa.

Os auctores são já demasiadamente conhecidos das nossas platéas, embora o primeiro, estreado-se agora n'uma de folego... curto, se tenha dedicado apenas até hoje a escrever monologos e cançonetas, genero em que, no emtanto, alcançou nomeada, senão superior, pelo menos igual á dos felizes auctores do «Pouca Sorte» e do «Amigo Banana».

Assim, são d'elle as seguintes produções: «O archote», monologo incendiario; a popular cançoneta «Balas e agua-raz»; o «Ba...leote», canção maritima, precedida de um almoço a bordo; «Onde disse disse...», ode patriótica, etc., etc.

Quanto ao senhor Affonso Costa conta no seu archivo o famoso drama «A Separação» que elle imaginou com o pseudonymo de Barão de Pombal; «O abraço», peça historica, cheia de graça e de candura; «O Antonio Zé», comedia satyrica em 2 actos... violentos, e o «Superavit», lever-de-rideau em cifra, pequenina phantasia innocente que então muito divertiu os «habitués» d'este genero de espectaculos.

Pois apesar de se tratar, como vimos, de auctores já consagrados pelas platéas, «A Amnistia», longe de alcançar o exito que uma grande parte da imprensa lhe prognosticava, cahiu redondamente logo á primeira representação, de nada lhe valendo uma boa claque que os auctores lhe arranjarão, nem tão pouco os artigos encomiasticos publicados, sabe Deus com que sinceridade, em varios jornaes da capital.

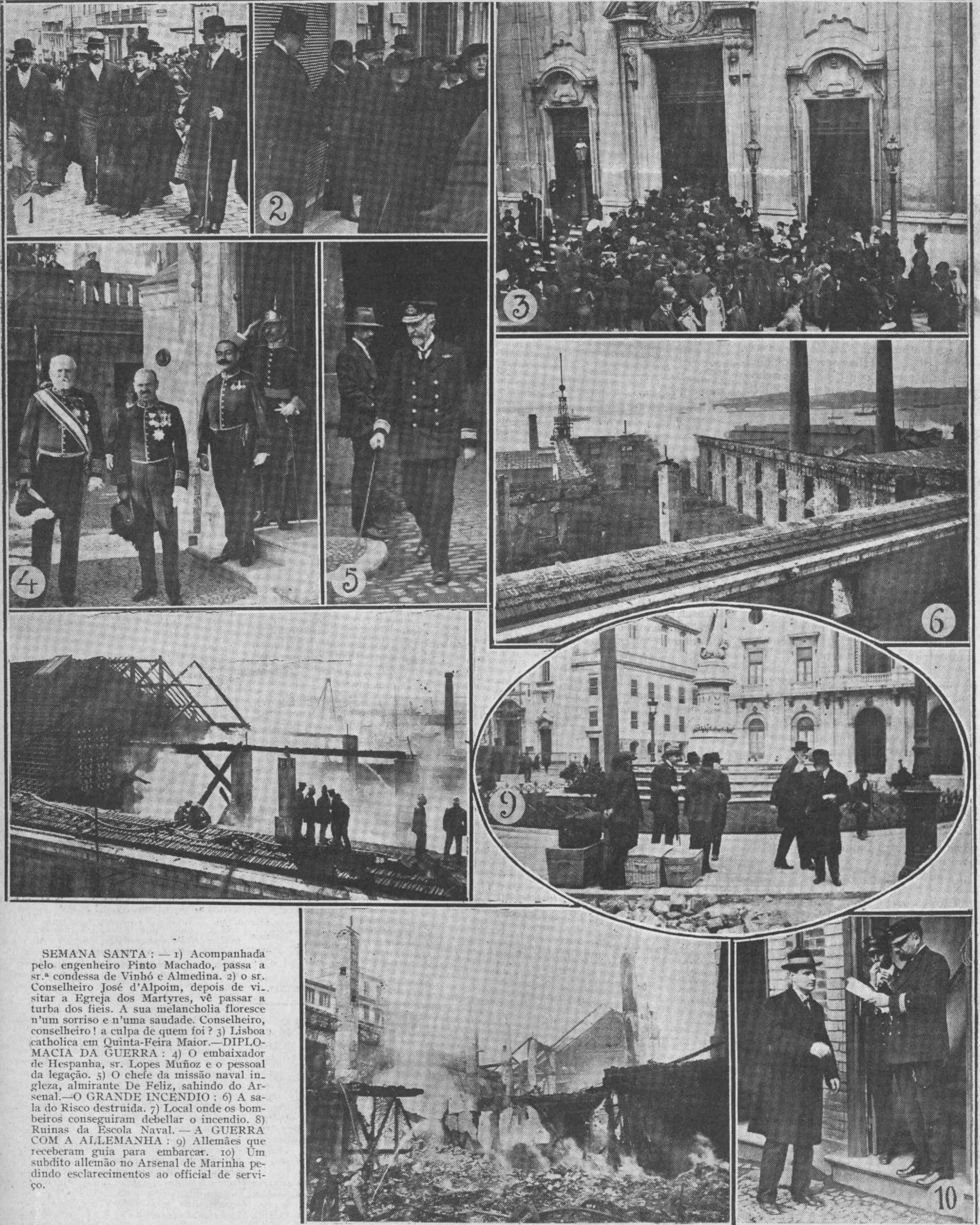
Se do sr. Affonso Costa, cujo feitio violento e arrebatado, á Bernstein, não lhe permite a doçura necessaria para uma peça que se baseia no esquecimento e na união sagrada, pouco esperavamos no genero meigo e suave, o mesmo não diremos do sr. Antonio José d'Almeida, o qual não perdia a mais pequenina occasião de annunciar aos quatro ventos uma grande e enternecida obra onde todo o sentimentalismo ingenuo e meigo da sua alma de poeta se pudesse enlaçar harmoniosamente aos influxos carinhosos do seu enternecido coração de pomba.

Era um compromisso solemne tomado perante todos aquelles que, reconhecendo n'elle grandes aptidões para outros muitos officios, haviam já resolvido, n'uma colossal manifestação que se repercutisse por todo o paiz, entregar-lhe, magnificamente encadernado, um bellissimo exemplar da cançoneta a elle dedicada «Ai, vae-te embora, Antonio, vae-te embora, vae.»

Foi um fiasco tremendo. Má peça, mau desempenho, réclame exaggerado. Muitos garantem que o melhor é metterem a obra pelo buraco do ponto. Nós, mais benevolos, aconselhamos os auctores a que experimentem metter-lhe uns... numeros novos.

PEPE.

FIGURAS E FACTOS



SEMANA SANTA: — 1) Acompanhada pelo engenheiro Pinto Machado, passa a sr.^a condessa de Vinhô e Almedina. 2) o sr. Conselheiro José d'Alpoim, depois de visitar a Igreja dos Martyres, vê passar a turba dos fieis. A sua melancholia floresce n'um sorriso e n'uma saudade. Conselheiro, conselheiro! a culpa de quem foi? 3) Lisboa catholica em Quinta-Feira Maior.—DIPLOMACIA DA GUERRA: 4) O embaixador de Hespanha, sr. Lopes Muñoz e o pessoal da legação. 5) O chefe da missão naval ingleza, almirante De Feliz, sahindo do Arsenal.—O GRANDE INCENDIO: 6) A sala do Risco destruida. 7) Local onde os bombeiros conseguiram debellar o incendio. 8) Ruinas da Escola Naval.—A GUERRA COM A ALLEMANHA: 9) Allemaes que receberam guia para embarcar. 10) Um subdito allemão no Arsenal de Marinha pedindo esclarecimentos ao official de serviço.

CALLEMOS!

POR

DOM LUIZ DE CASTRO

*¿Cuanto, quanto se habla
sin ton ni son! Que declamar perpetuo
de retóricas nulas!
¿No es mejor, porventura el silencio?*

ESSA interrogação lança-a eu também aos leitores d'A *Ideia Nacional*, encetando a minha superflua collaboração na revista audaz. Procurarei acertar no que disser, mas succede que os acertos quanto mais certos são, mais sem tom nem som rebôam n'este meio portuguez, que a republica falseou por completo e cujo sentir inverteu inteiramente.

Em-taes circumstancias não será, na realidade, preferivel o silencio? O silencio d'aquelles cujo integro desprendimento de interesses pessoases, faz só pensar no problema commum, no problema de nação, no problema de raça. O batuque ambiente, a vozeria de que nos cerca a minoria forte de guelas e de tacões, abafa as fallas serenas d'aquelles que não teem odios, nem caprichos, não teem vaidades nem ideias preconcebidas.

Para quê fallar então?
Lembro-me d'aquella pagina soberba de Maeterlink, que é o elogio do silencio e mais a aviventou no meu espirito a leitura no ultimo fasciculo da *Summa* dos versos de Amado Nervo titulados de *¡ Callemos!*

*Que el Espiritu selle nuestra boca
con sus siete sellos,
y florescan en paz nuestros enigmas...
¡ Callemos, callemos!*

Ha porventura maior enigma para nós do que o da publica governação? Os seus actos precedentes como seja por exemplo a donação de Angola aos allemães pelo regimen da porta aberta, em contraste com seus actos presentes como seja o apresamento dos navios d'esses mesmos allemães, provocando uma guerra com aquelles que poucos mezes antes eram supremamente obsequiados pelas mesmissimas pessoas que incitam agora o odio contra o mesmissimo teutão, não constituem para nós todos enigmas indecifráveis?

¡ Callemos, callemos!
A perseguição da republica contra aquelles unicos homens que tornariam possivel a republica em Portugal como era a gente Pimenta de Castro, não constituirá outro enigma de costa arriba para nós todos?

¡ Callemos!
Não é porventura enigma insigne de ordem pessoal, é certo, mas que marca perfeitamente o instante contemporaneo de crise moral, um homem qu'estava bem collocado como o sr. Julio de Vilhena, na opinião publica, desmascarar, risosinho e satisfeito, seus intimos defeitos, como se fossem virtudes, em livros de mesquinha critica historica sem serenidade nem justiça, sem aprumo nem delicadeza sequer para as mulheres? Livros feitos só para prejudicar vivos e mortos com quem o auctor foi alguém, mas livros que o põem, a elle, surpreso de tal resultado, terrivelmente mal, de cócoras, quando julgava subir em bronzes a um pedestal de pedra lioz. Que terrível, impressionante symptoma d'uma epocha materialmente egoista, maldosa, brutal e sem grandeza! A não ser que se trate de um caso psychologico d'escrupulo de consciencia, redundando em confissão geral publica de uma alma cinzenta, afflicta sob o peso de peccados até agora escondidos. Não o creio. Mas será?

Enigma.
Calemo-nos; floresça em paz a flôr do mal!

É que enigmatico é para quem tenha o espirito alto, esta exploração da chamada *União sagrada*, que nunca sequer aguentou as falsas apparencias para ser como sempre foi a mais baixa intriga de uma facção, com palavras mas sem ideias patrioticas, com rasgos de odios nos sorrisos cordeaes, com pequenezas sectarias n'um instante que exige tão sómente grandeza moral.

Façamos silencio.

*Debe callar-se todo lo sublime,
todo lo excelso.
Hasta los nombres que a las cosas damos,
empañan el espejo
del Ser, en que se mira
el Arquetypo, trémulo
de luz, de santidad y de pureza.
¡ Callemos, callemos!*

E se das ideias enormes de nacionalidade, de raça, de moral, viermos até aos assumptos materiaes, alimentares, da nação, da grey, encontram-se os mesmos irreductíveis enigmas.

Não seria melhor deixal-os desenvolver em paz como quer o poeta? Que lhe podemos nós fazer se o sectarismo, isto é a irracionalidade, manda, impéra atrabiliario, tamanino, encarando todos os problemas, ainda os que parecem mais apartados de facciosismos, sob o prisma miseravel da demagogia e da adoração à *bête humaine*, quer seja representada pela multidão d'instincto rudimentar ou pelo individuo d'apetite voraz, inescrupuloso?

Deus é ignorado. A tradição nacional é desprezada. A raça é desconhecida. A Historia, desdenhada e vilipendiada, falseada e mentida. O futuro de Portugal contem-se no espaço de tempo da vida dos homens, que tyranicamente agora mandam.

Dentro d'esta philosophia não ha lugar para considerações mais largas e mais elevadas, mais profundas e mais extensas.

*¡ Oh! la esteril balumba... ¡ Y ser la vida
tan honda como es! Ser el misterio
tan insondable!
¡ Triste afan de ruido, que mancilló, lo
Eterno
que palpita en nosotros!...
¡ Callemos, callemos!*

Ha enigma mais irritante do que este da collocação dos generos que os lavradores estão tratando de fazer produzir ás suas terras?

No passado anno foram os productores forçados a vender trigos por preços de ruina, que nem de longe cobriam as despesas do custo. Que succederá este anno corrente? E' uma interrogação

Entretanto açula-se o odio ignaro da multidão cujo estado d'alma incompetente, infantil e pusilanime se traduz no parlamento democratico, viveiro de governantes, contra aquelles que hão de valer á desgraçada grey

Contra os lavradores e proprietarios mais abastados, contra a grande propriedade e contra a grande cultura, unica em estado de acudir pelo uso da ma-

chinaria e de capitaes menos acanhados á crise da penuria á qual virá juntar-se a crise da caridade.

E' pavorosa a inconsciencia com que se pratica o mal ou a maldade com que se prégam heresias!

Recebi hontem um numero do jornal que se diz de maior circulação no paiz, cuidadosamente atado. Encontrei marcado o artigo de fundo e á margem, escripto a lapis, este grito afflictivo e anonymo: *«Por amor de Deus defendam-nos v. ex.ª d'este inimigo, que tão mal trata a lavoura!»*

Aquelle inimigo, é o auctor d'um livro que vae ser posto á venda e trata de questões d'economia agricola. O jornal de grande circulação escolheu o capitulo talvez mais odioso da publicação para lhe dar logar de honra no artigo de fundo.

N'elle se ataca o lavrador portuguez por varias fórmas e maneiras, desde o seu bom criterio e a sua ancia de aperfeiçoar-se até aos interesses pecuniarios da sua industria, que affirma ser rica, quando todos sabem que o não é.

O trecho transcripto é um convite á expropriação das grandes propriedades e ao aggravamento do imposto, apresentando-se o lavrador como criatura digna de todas as perseguições por seus defeitos, erros, estupidez, preguiça, excessiva riqueza, etc., etc.

O diario de grande circulação pondo em evidencia essa diatribe sem tom nem som, perfilha-a, evidentemente, e espalha o veneno da desordem e da anarchia.

Se o paiz estivesse em circumstancias normaes de senso commum, taes doestos cahiriam no chão; agora são axiomas e regras infalliveis, porque o pensar está invertido.

Verão os meus leitores essa publicação subsidiada pelo Estado, distribuida pelas escolas e aconselhada pelo sr. presidente da republica a todos os revolucionarios civis e militares.

E em face de mais este enigma do ataque insistente á propriedade e ao capital, bases de toda a civilização, por parte da gente que manda e de seus orgãos na imprensa, eu pergunto, tão grande é a incongruencia e tão teimosa a perseguição, d'ouvidos propositadamente cerrados a todo e qualquer juizo, se não é preferivel librarmos o nosso espirito para outras regiões, até páramos espirituales, deixando esta terra madrastra e seguindo o conselho do poeta, que assim canta:

*En el callar hay posibilidades
sin limite, hay portentos
celestes, hay estrellas, más estrellas
que en todo el firmamento.
El Alma y Dios se besan, se confunden
y son una sola alma, en el inmenso
mar del Extasis, manso, inalterable...
¡ Callemos, callemos!*

DOM LUIZ DE CASTRO.

QUINQUILHARIAS

UM ANAGRAMMA DA PAIXÃO

POR ARTHUR BIVAR.

AQUELLE anagramma de patria — a tripa, com que na primeira d'estas «quinquilharias» symbolisei uma das mais deploraveis perversões nacionaes da ideia de patria, valeu-me a remessa de tres curiosissimos anagrammas d'esta incomparavel republica: *Theophilo Braga, Manuel de Arriaga e Bernardino Machado.*

Com os olhos postos na *Presidencial Mesa Censoria*, guardo para mim os dois, que se referem a Theophilo e a Bernardino, e revelarei por emquanto apenas o anagramma de *Manuel de Arriaga*, acaso o menos feliz

dos tres—digo: dos tres anagrammas—e que se refere, evidentemente, ao «14 de maio» que arreou a dictadura e foi o facto mais notavel do seu *presidiado*. E' este:

Arredá-a? Digo: Amen!

Quando me chegaram os tres anagrammas dispunha-me a encher as cinco tiras das «quinquilharias» com uma colleção de interpretações picarescas do famoso S. P. Q. R. do guião do Senhor dos Passos e das procissões d'esta quadra do anno lithurgico. Procissões agora não ha, para segurança do regimen. Ha regimes e regimes! Já tivemos um que tomava Ceuta, Ormuz e Malaca e não se sentia abalado com procissões e badaladas depois do sol-pôsto. Este, toma Kionga e... precauções contra badalos e opas! Não que elle, segundo ouvi, já houve uma auctoridade que negou licença para uma procissão do Senhor dos Passos, explicando eruditamente que o motivo lá estava escripto no guião, nas quatro letras allusivas á condemnação de Jesus Christo: S. P. Q. R.:—*Separado Por Querer Restauração!!!*

Deixo para melhor oportunidade muitas outras explicações do S. P. Q. R. e retribuirei o presente dos tres anagrammas politicos com alguns anagrammas religiosos, sobretudo um, o mais apropriado á commemoração da tragedia do Golgotha.

Se o leitor nunca se deu ao trabalho de transpôr as letras de um nome até formar outro que tenha applicação ao primeiro, experimente e verá que formidavel paciencia tinha certo frei João Francisco de Luca, auctor de um poemeto latino em 226 versos, cada um dos quaes era um anagramma perfeito das palavras *Ave Maria, gratia plena, dominus tecum!* Publiquei o anno passado largos extractos d'esse poemeto na *Illustração Catholica* de Braga; mas possúo, n'este genero, obra muito mais fina, com que regalarei mais tarde os leitores das «quinquilharias».

Por hoje darei apenas o anagramma religioso mais perfeito que conheço. Imperfeito é, por exemplo, o de *Sacramentum Eucharistiae*: que dá *Sacra Ceres mutata in Christo*, que, por certo, fica muito áquem d'aquelle que se lê no pedestal da estatua de S. João Nepomuceno, em Bruges, Belgica, e que commemora a heroica recusa do santo a violar o segredo da confissão. Por cima está:

Sanctus Joannes Nepomucenus

e por baixo, em anagramma perfeito:

En pie mutus, en os non accusans!

isto é: «Eis o que piamente calou, eis a bocca que não accusou!» Em S. *Ignatius de Loiola* encontrou algum jesuita este anagramma perfeito:

O ignis illatus a Deo!

«ó fogo trazido por Deus!» Porque convém saber que até gente muito séria se tem dado a excogitar anagrammas. Conta-se que dois jesuitas, o padre Proust e o padre D'Orléans, do tempo de Luiz XIV, se divertiam muito com anagrammas, e que um dia, em amigavel duelo, procuravam invectivar-se com anagrammas que cada um formava com o nome do adversario. O padre Proust jubilo quando descobriu no nome do padre D'Orléans: *L'asne d'or*, que no francez do tempo significa: *O burro de ouro*. Mas a réplica não se fez esperar, porque o padre D'Orléans encontrou em Proust o anagramma de *Pur sot — perfeito parvo!* Até li, não sei onde, que o pobre padre Proust, desgostoso do nome, pediu licença para usar outro!

Em *Frère Jacques Clément*, o desequilibrado que matou Henrique IV, encontrou algum «thalassa» francez este engenhoso anagramma perfeito: *C'est l'enfer qui m'a créé!*

Mas, como disse, o anagramma perfeito mais perfeito que conheço, por ser uma resposta exactissima á pergunta de que foi tirado, é o anagramma da Paixão que offereço aos meus leitores, para os animar a folhearem commigo, mais tarde, o *Jardim Anagrammatico* do nosso Alonso de Alcalá y Herrera. Eil-o:

Pilatos, ao interrogar o divino Salvador, perguntou-lhe: *Que é a verdade? Quid est veritas?* E, segundo o evangelista S. João, sem esperar a resposta, sahii a dizer á turba que não encontrára delicto no accusado. Ora alguém observou que Pilatos não precisava ouvir a resposta, porque lá a tinha, em anagramma perfeito, nas palavras da sua pergunta: *Quid est veritas?—Est vir qui adest!* «Que é a verdade? E' o HOMEM QUE AGUI ESTÁ!»

E, de facto, o proprio Jesus Christo nos disse que Elle era o Caminho, a Verdade e a Vida. Ha vinte seculos que a tremenda pergunta sahii dos labios de Poncio Pilatus; e quantos, quantos ainda hoje buscam, descaminhados e semi-mortos, a resposta exactissima e salvadora que dava o anagramma da pergunta.

ARTHUR BIVAR.

OBEDECER

POR
ALFREDO PIMENTA

O grande prejuizo das ideias democraticas está na sua systematica disposição de proclamarem como fundamental o sentimento do mando, destruindo ou enfraquecendo o sentimento da obediencia. Para as idéas democraticas, isto é, para aquillo que ellas proclamam, exibem e apregoam, a disciplina é a tyrannia, e a obediencia é a escravidão. E assim os povos que as idéas democraticas envenenaram, põem de parte todos os preceitos tendentes a prestigiar a disciplina, e abraçam todas as phantasias que lhes dão a illusão do mando. «Toda a gente a mandar» é o ideal, é o sonho maravilhoso dos partidos democraticos, quer elles se ostentem de republicanos, quer se rotulem de monarchicos. «Toda a gente a mandar» — é a anarchia.

Mas vão lá convencer os apóstolos liberais, os caudilhos democraticos, os *meneurs* das turbas de que assim é!

Entendo que a causa da anarchia europeia, suspensa, no seu alastramento devastador, pela acção transitoria da guerra, está precisamente no liberalismo democratico que convenceu as turbas, as massas populares, que se lhes pertencia o mando, deviam considerar indigna a obediencia. Esta inversão de funcções, estabelecendo no instincto da massa popular uma quasi-consciencia e um sentimento que lhe era e é adaptavel, gerou a anarchia em que nos debatemos e que sentimos latente nos paizes da raça latina. Nunca os povos terão palavras bastante fortes para lastimar os acontecimentos dos fins do seculo XVIII, não porque elles fôsem inevitaveis, mas pelas suas consequencias deploraveis para a ordem publica de todo o mundo.

Politicamente, ninguém dirá que tenhamos avançado, depois que o liberalismo democratico, com todo o cortejo das pretensas regalias populares, desde a burla parlamentarista até á ficção da soberania nacional, veio perturbar a cabeça dos povos, convencendo-os de que são o que não são e jámais poderão ser, e sobressaltar a função dos governantes, tirando-lhes o prestigio, e adulterando-lhes a legitimidade.

Augusto Comte ensinou que só bem sabe mandar quem bem sabe obedecer. Por outras palavras: aprendamos primeiro a obedecer, e depois procuraremos saber mandar. Estes preceitos podem ainda traduzir-se d'outro modo: em vez da reclamação anarchica dos direitos é preciso formular a sujeição consciente ao cumprimento dos deveres. *Direitos e deveres* ou *mando e obediencia* — eis o dilema dentro do qual se joga toda a complicada vida dos povos.

A nação portugueza, pela sua raça, pela sua posição geographica, pelas eventualidades da sua historia, não podia ficar isolada e portanto livre da onda democratica que desde 89, como vento de ruina, passa pela Europa. E logo em 1820, ella soffre as consequencias da sua situação, manifestando a doença que já a invadira. E de anno para anno, a doença tem alastrado, extensa e intensivamente, de sorte que hoje o povo portuguez vive na mais pavorosa das anarchias, e é de todos os povos da Europa o que mais anarchisado se encontra. Povo de pequena capacidade populacional, vivendo em pequena faixa de territorio, sem forças para se empregar no desenvolvimento do seu imperio colonial, muito fatalista de animo e muito estragado de sangue, o povo portu-

guez deixou-se invadir, até ás mais insignificantes camadas, pelo veneno liberalista. Nação de gente que não tem que fazer, de gente para quem o trabalho é uma indignidade e para quem a persistencia e o sacrificio constante são uma ignominia, a nação portugueza transformou-se rapidamente n'uma nação de politicantes, n'uma nação de desvairados e de inuteis. O que estava na logica dos destinos da historia, foi ajudado pela fallencia de homens competentes e pela abundancia de mystificadores e de ambiciosos. No dia em que convenceram a arraia meuda do povo portuguez de que o Rei não era mais do que o delegado da sua soberania, n'esse dia, Portugal entrou na zona da vertigem revolucionaria. As intenções de Velasco de Gouveia fazem-nos perdoar-lhe o erro e o perigo da sua doutrina. E as lições da historia e a observação dos factos demonstram-nos, sem grande difficuldade, que entre a ficção da origem divina e a ficção da origem popular, não ha hesitação. E o espirito pragmatista que inspira as correntes do pensamento contemporaneo habilita-nos a admittir, como verdadeiros, a origem divina do poder real — pois que util.

Os povos dividem-se, nos seus elementos constitutivos, em governantes e governados. Dêem-lhes as voltas que quizerem, chamem-lhes os nomes que quizerem, façam o que entenderem — que sempre os povos apresentam duas categorias de pessoas: os governantes e os governados. Simplesmente o espectáculo que se observa é o da passagem successiva dos governados a governantes e dos governantes a governados — d'onde a anarchia. A função governativa qualquer que seja a esphera de actividade humana, precisa, para ser util e resultar séria, de varias condições. E a primeira é a estabilidade. Esta será, pela continuidade, a harmonia, a coordenação, a confiança. O alto comando de um exercito, sujeito a permanente substituição, anarchica o exercito e conduz á derrota. A direcção de uma fabrica, sujeita a permanente substituição, lança a anarchia na fabrica e leva a fabrica á ruina. A direcção de um estabelecimento hospitalar, o governo de um estabelecimento de ensino, a manobra de um navio em perigo, a acção sobre um enfermo, a direcção de um incendio, o governo de uma orchestra — tudo isso suppõe estabilidade, continuidade, convergencia, confiança, pois que se estas qualidades faltam ha anarchia, ha destruição. Os soldados obedecem, obedecem os enfermeiros, obedecem os operarios, obedecem professores e estudantes, obedecem os marinheiros, obedecem os doentes, os bombeiros, os musicos — tudo obedece conscientemente, certo de que é na obediencia que reside a ordem, e que no dia em que a desobediencia se fizer ruir, o edificio se desconjuncta. Por que não ha de dar-se o mesmo na vida politica dos povos? Por que em coisas tão graves, tão complicadas, tão difficeis, tão alheias á competencia geral, como são as coisas politicas, porque precisamente n'essas, toda a gente quer mandar, toda a gente quer metter o bedelho, toda a gente quer ser o que não pode ser e nunca poderá ser?

Um povo disciplinado é como uma orchestra disciplinada. Um maestro não castiga nem bate, nem maltrata. Dirige, pelo prestigio da sua superioridade, da sua competencia os cem ou duzentos musicos que lhe obedecem. Emquanto estes, na consciencia da sua missão, obedecendo, portanto, cons-

cientemente, o seguem e se deixem levar pelas indicações da sua batuta, a symphonia sahe perfeita, harmonica, intelligente. Mas supponhamos que um dos concertantes, cioso da sua liberdade, por que lhe repugna a tyrannia do maestro e se não considera escravo, passa a tocar quando e como lhe apetece — logo a desafinação surge, e o que até ha pouco era harmonia passa a ser o cahos. A imagem serve bem para elucidar a doutrina — pelo que a formulamos. O povo portuguez é uma orchestra em que, não um musico, mas todos os musicos tocam quando e como lhes apetece. D'ahi esta tremenda desordem em que nos debatemos, que ninguém domina, pois, no estrado do maestro passa toda a gente, desde o violino ao bombo, desde o clarinete ao homem do pandeiro. Convenceram a orchestra de que era assim, e a orchestra não se quer convencer, agora, de que assim não póde ser — por que toda a gente quer poder dizer que tambem foi maestro.

...Os velhos nada podem. E eu já me sinto velho. A's gerações novas cumpre tentar o restabelecimento da ordem na orchestra — proclamando a superioridade no sentimento da obediencia, elevando ás camadas mais infimas da população portugueza a convicção de que a salvação de nós todos está em sabermos obedecer: os governados aos governantes e os governantes ás indicações superiores da historia, ás lições superiores dos factos, aos interesses geraes e reaes da collectividade.

ALFREDO PIMENTA

MUSICA

CARTAS

A UM

COMPOSITOR CELEBRE

POR

RUY COELHO

M

ESTRE! Dou-lhe hoje a triste noticia de que morreu o Egas, esse rapaz de que sempre lhe tenho falado com o maior respeito, por isso que elle era o maior musico do meu paiz, inteiramente desconhecido, e um grande desgraçado digno de mais sorte. Como todos os genios da musica, morreu de fome! Tenho em meu poder todos os manuscritos d'elle, que são um verdadeiro thesouro, a maior maravilha musical que jámais nos deu a raça portugueza. Coitado! Junto aos manuscritos vinha uma carta para mim em que diz «guarda-os até os saberes de cór; depois queima-os». Que tragedia! Assim morre, aos 27 annos de idade, o maior musico d'uma Raça, porque não tinha que comer, quando não ha por aqui parvo nenhum que não explore, com o que não sabe, duzentos e trezentos mil réis por mez! Ah! Egas! Eu aqui fico para alguma coisa mais do que para impôr a tua obra! Hei-de castigar os que te deixaram morrer de fome. Mestre, meu querido Mestre, a morte d'este rapaz, foi tambem a minha; por isso, é que eu tanto tenho soffrido com esta desgraça.

Desgraçado! Como pela composição nunca ganharia um real para ir vivendo, dedicou-se ao piano para facilitar a existencia, e foi o piano que o matou, porque era fraco, e não tinha uma alimentação cuidada que lhe desse forças para o trabalho.

E de que lhe serviu, ter em dois annos conseguido ser um dos primeiros pianistas, se não tinha uma lição, se toda a gente preferia estudar com os professores do Conservatorio, que são mediocridades reconhecidas, e não tocavam nada, mas só com lições ganhavam mais de duzentos mil réis mensaes? Sim, de que lhe servia ser além de um grande pianista, um compositor de genio, uma individualidade, se os musiquetes-lacraus, que não sabem nada, ensinam tudo, ganham tudo, sorvem tudo, e não dão nada, não deixam nada? Ah! meu Egas, tu morreste de fome, e estes inuteis comem todos os dias sopa, carnes e fructas!

Elá, senhores musicos que ganham trezentos mil réis por mez e que tem saude porque comem cada dia, sopa, carnes e fructas, sabem quem morreu? — O Egas.

Morreu de fome, tinha 27 annos, e deixou uma obra de genio que é minha, hein?

Eu bem sei, eu bem sei, que mais dia, menos dia vocês quererao ver os manuscritos do genial compositor (!!!) para os revelarem ao publico. Ah! vocês sempre foram patriotas (!!) Farão tantas audições das obras quantos forem os originaes, farão conferencias, grandes artigos nos jornaes, inauguração de estatuas, publicarão nos programmas dos concertos a vida desgraçada d'elle; bem sei, bem sei, vocês sempre foram admiradores dos genios desgraçados. Mas, uma pergunta, caros amigos da arte, quantos contos renderá cada casinha cheia? Ganha-se? Salva-se a despeza; muito bem, muito bem, bravo, bravo!

E... todos os annos a audição das tres symphonias dá bem uma série d'espectaculos, que garante uma optima receita.

O peor é que eu não entrego os manuscritos porque elle mos deu. Empregarão vocês a força do governo para resolver o caso? Talvez! Foi sempre assim.

Ah! Meu querido Mestre, mal sabem estes senhores que o desgraçado do Egas minutos antes de morrer, endoideceu, e morreu a cantar o Fado do Bahia, que é director do Conservatorio, e cuja obra completa se resume n'este Fado que o Egas cantou á hora da morte.

Eu lhe contarei na quinta-feira proxima algumas coisas mais sobre o nosso Egas.

RUY COELHO.

VARIA

A EDADE DOS PAPAS

A estatistica teve a curiosa ideia de comparar a idade do Papa Leão XIII com a d'alguns dos seus predecessores.

Desde o regresso da Santa Sé de Avignon a Roma houve dezesseis Papas que viveram mais de oitenta annos. O que morreu mais novo foi Gregorio XVI que falleceu em 1846 com oitenta annos, oito mezes e doze dias.

Veem em seguida Gregorio VII, Calixto II e Benedicto XIII que attingiram, todos tres, oitenta e um annos.

Os Papas Alexandre VIII e Pio VI morreram com oitenta e dois annos completos.

Quatro Summos Pontifices foram além dos oitenta e tres annos: Gregorio XIII, Innocente X, Benedicto XIV e Pio VII.

Paulo III morreu com oitenta e quatro annos; Clemente X, Clemente XI e Pio IX attingiram oitenta e cinco annos.

Os dois Papas que, desde 1378 viveram até uma idade mais avançada foram Clemente XII e Paulo IV. Este ultimo, eleito Summo Pontifice quando tinha já oitenta e nove annos occupou o throno pontifical até á idade de noventa e tres annos.

Na serie que precede 1378 encontra-se um exemplo de longevidade mais surpreendente ainda: Gregorio IX que morreu quasi centenário em 1241.

O MAIOR E O MAIS PEQUENO JORNAL DO MUNDO

E' evidente que a America bate o record dos jornaes do mundo.

O maior de todos é a *The illuminated quadruple constellation*. As dimensões d'este jornal gigantesco são de 1,62 d'altura por 2,60 de largura.

A folha mais pequena publica-se em Torquay (Inglaterra) e chama-se *Little Standard*.

As dimensões d'este Lilliput da imprensa não ultrapassam com effeito 75 millimetros de alto por 70 de largo.

Só com uma lente!

A ORIGEM DA MACHINA DE ESCREVER

Em que epocha foi inventada a machina de escrever? A repartição dos registos de Londres indica uma patente de invenção registada em 1714 por um tal Henry Mill para «uma machina que imprime em papel letras tão perfectas que é impossivel distinguilas dos caracteres de imprensa». Tambem um americano registou igualmente uma patente em 1811, mas o uso da machina de escrever data sómente de 1874.

UMA ROSA CARA

O duque de Malborough, passeava recentemente com uma senhora nova nos jardins d'um horticultor inglez.

—Que linda rosa! exclamou a senhora.

O duque abaixou-se, colheu a flôr e offereceu-a á sua companheira.

Na manhã seguinte o horticultor enviou a sua conta: 3.750 francos! E isto porque a linda rosa constituia uma especie nova e tinham sido precisos dez annos de investigações e canceiras para a produzir.

E' claro que o jardineiro foi submettido a um processo especial; mas os juizes deram razão ao jardineiro.

Moral: é bom ser galante, mas no caso d'isso não custar caro!

PAGINA DA MULHER

A RESPOSTA DA CHICA

Logo que vi n'esta secção um pedido ás leitoras de que dêssem a sua opinião sobre a idade do Amor, disse com os meus botões:

—Quem tinha toda a auctoridade para dar a sua opinião sobre o assumpto era a Chica...

Eu creio desnecessario dizer quem é a Chica.

Mais ou menos toda a gente sabe em Lisboa quem ella é, e decerto não ha para ahi rapaz da minha idade, isto é, rapaz já entrado um pouco em annos, mais perto da velhice que da mocidade, que não saiba quem ella foi.

Hoje está casada e mãe de filhos... E' uma rapariga já entrada em annos, mas embora não pareça ter os quasi cincoenta que tem, não tem os perto de quarenta que parece, nem parece os trinta e dois que diz ter.

Está casada com o primo Naranha, do qual tem uma parrelha de filhos, que são o retrato do pae, alazão escuro, e tres filhas que parecem as tres graças, todas tres preteiosas como as nove Musas, e prometendo vir a ser tres demonios distinctos e só sete peccados mortaes verdadeiros.

O acaso quiz que ha dias encontrasse a Chica n'um animatographo, onde me levára o desejo de ver a pellicula que representa os mutilados da guerra, e que se está exhibindo por todo o paiz, creio que para mais excitar ainda o já louco enthusiasmo que em toda a gente está despertando a ideia de que dentro em breve iremos castigar os alemães por terem offendido os nossos brios lançando bombas sobre as povoações das costas de Inglaterra.

A Chica estava sentada mesmo adiante de mim, na fila seguinte.

N'um dos intervallos, entre duas fitas, aproveitando os poucos instantes em que a sala estava illuminada, inclinei-me para ella e interroguei-a com voz tremula:

—Senhora D. Francisca... V. Ex.^a deve saber... Diga... Qual é a quadra da vida em que o amor, despotico avassalador das almas, as tyrannisa com mais ardor e as subjugua com mais crueldade?

E então a Chica, atirando a cabeça para traz e approximando os seus labios carminados,—ah! carminadissimos! —quasi me segredou, não fossem as pequenas ouvir:

—A primavera.

Para o demonio da rapariga, em questões de amor, uma quadra da vida... era uma quadra do anno.

Com cincoenta de idade imagine-se que poema de amor fariam todas aquellas quadras juntas!

ANS.

A LENDA DAS ESTRELLAS

Correu de estrella em estrella a fama d'aquelle ente.

Foi primeiro um boato, depois uma phantasia; e mais tarde a historia buscou dados positivos com que provasse a sua veracidade.

Mas era tão meigo esse poema de ternura e de sacrificio, tão bella a vida do Enviado de Deus, que não tiveram remedio senão converter em lenda o que verdade fôra talvez. Na realidade crê-se e... acabou-se. A lenda faz sonhar!

Correu de estrella em estrella, de sol em sol, a sua singella historia. E tão linda, que nunca foi preciso sequer accrescentar-lhe um ponto! Suspendiam-se os cometas no espaço a ouvir o conto divino; e logo redemoinhando, na vertigem da sua orbita, iam espalhar a maravilha até aos polos do Infinito.

Juntavam-se as estrellas proximas a commentar a novidade; e d'ahi se formaram muitas e grandes constellações. E ha quem diga que a Via Lactea, que então augmentou muito, são as estrellas pequeninas que se assentam no espaço, aos pés de outra muito velha, já muito baça, que lhes conta o que viu e o que ouviu n'esse grande dia que já lá vae ha uma poeirada de seculos.

Mas que viu ou que ouviu? Nem ella o sabe bem, velha tropega e apagada, que já nem sabe as voltas que dá no giro da Eternidade. Do que os seus olhos olharam e do que aos seus ouvidos veiu, já não pode distinguir o que lhe contaram d'aquillo que presenciou.

Foi n'uma noite branda e tepida, na primavera do Infinito. Seguia ella a sua orbita, tranquilla e silenciosa, olhando os espaços sem horizonte que o lume de mil irmãs aquecia e illuminava. Nunca assim viu tantas companheiras no faustoso cortejo da Meia Noite. Brincavam os bolidos, rindo com estrellinhas novas. Sorriam-se os planetas, como cortezaes fidalgos, da graça dos seus Principes. E os cometas perpassavam, loucos, levando e trazendo novas!

De repente, o deslumbramento de um clarão como mil estrellas o não fariam, poz uma mancha de luz radiosa nas trevas do Universo.

Olhou para baixo, sentiu uma vertigem. Era um cortejo interminavel de lumes, de flores e de archanjos, cantando hymnos celestes, derramando perfumes embriagadores, pisando um manto de oiro que surgira como por encanto sobre uma estrada de prata que até ahi ninguém vira.

E no meio uma figura divina, doce como o luar de todos os luars, bella e radiosa como o Rei dos Soes, poisava sobre as azas dos archanjos.

Abriu-se o céu e...

Nada mais vira. Estremeceu o Universo n'um calafrio de admiração, apagaram-se attonitos quasi todos os astros e os que conseguiram olhar até onde lhes era vedado, cegaram para sempre e emmudeceram de panto.

Espalhou-se então que era um Filho de Deus que descera ao Mundo. Mas onde estivera? De onde vinha? Que significava a sua aparição?

Correram varias versões, mas nenhuma conseguia fóros de verdadeira. Disse-se que

A ARTE FEMININA

AMOS hoje ás nossas leitoras um lindo modelo de almofada para os pés. E' sobre um tecido muito original, uma especie de moire chinesa, que se destacam as flores bordadas a matiz, com seda da China, o que dá ao conjunto uma grande beleza. As rosas executam-se em quatro tons de rosa velho, em quatro tons *chaudron* ou ainda em igual numero de tons rosa chá, cujas bordas voltadas se farão a ponto *plumetis* com fio dourado. E' facil de prever a originalidade d'este trabalho. Quanto ás folhas, empregaremos para ellas varias gammas de verdes amarellados e azulados, e para os pés e troncos *cordonné* acastanhado.

Os galões cuja execução mais facilmente se poderá apreciar na figura 2, é feito em fio doirado e com seda floche, e divide o bordado em uma especie de compartimento, fóra dos quaes o tecido é coberto com um encastrado feito em fio doirado. O cruzado de cada fio é preso por um pequeno ponto, e ao centro de cada quadrado formado por esses cruzamentos destaca-se um motivo bordado igualmente a doirado. Em volta da

INQUERITO SOBRE «A EDADE DO AMOR»

Quando com mais violencia se apodera esse despotico senhor da alma dos tristes mortaes?

RESPOSTAS:

Sr. João Semana:

«A quadra da vida em que o amor se apodera com mais violencia da nossa alma» é aquella em que o amor só encontra alma.

Se o então *amor puro* é despotico e escrasa,—é o céu! O amor é sempre despotico e absorvente. Tem para cada situação, venha ou não da idade, uma fórma especial de se alimentar. Qual será essa fórma quando só se alimenta da alma?

MONICA

Ta apostar que, como aquelle lobo da fabula que se disfarçou com pelle de ovelha, esta Monica é... lobo! Responde perguntando por fórma tanto mais insidiosa quanto em uma epocha em que o problema das subsistencias preoccupa toda a gente, me



Fig. 1—Almofada para os pés ou costas de sofá. Dimensões 1,30x0,40. Este risco pode ser enviado ás senhoras que o desejarem mediante a importancia de 200 réis que deve acompanhar o pedido

fôra á Terra salvar a Humanidade. Varios planetas, despeitados e mordidos de inveja, pediram licença para operar um reconhecimento minucioso. E ainda hoje rodam em torno d'aquelle planeta, curiosos, em busca de um indício! Venus, já até, com grande escandalo, passou uma noite inteira de vigilia, acima do horizonte. Marte faz signaes desesperados, supplicando uma resposta. E Jupiter, de quando em quando, avizinha-se da lua a saber o que ella terá visto.

A propria estrella do norte, dizem, fazendo-se substituir por uma amiga, veiu tambem farejar o caso, sem que nada pudesse apurar.

E ainda hoje, em todo o Universo, se discute a maravilha de ha tantos annos.

Um dia d'estes, reparem!, haverá mais brilho nas estrellas, mais doçura no luar, mais religiosa placidez na luz branca dos planetas. E' a grande festa do Céu, a Passagem do Filho de Deus, que todos, estrellas, planetas e cometas, soes de milhões de annos e aerolithos garotos, festejam nos mesmos logares que occupavam no dia involvidavel.

Até a Via Lactea será menos nebulosa, illuminada pelos sorrisos das pequeninas estrellas que escutam, embevecidas, a velha avó baça e amarellada.

E os rapidos cometas, saccudindo no espaço a cabelleira loura, irão gritando pelas infinitas leguas:

—Gloria a Deus! Gloria a Deus!

PEPE



Figura II—Ampliação de parte da fig. 1

almofada um grosso cordão doirado, rematado aos quatro cantos por argolas e borlas, completam esta ornamentação rica e elegante.

MARIA LUIZA

CONSULTORIO DO AMOR

Resposta a Maria da Graça—Se tem facilidade de sahir de Lisboa por uma temporada, saía. A mudança é sempre agradável, pelo menos durante o tempo em que nos offerece novidade. Mas não creia que a distancia vae contribuir para lhe diminuir o soffrimento. Emquanto se não inventar meio de deixar o pensamento depositado á ordem, em qualquer parte, e esse importuno e embaraçoso companheiro nos seguir obstinadamente para onde quer que nos desloquemos, o soffrimento será o mesmo em todos os cantos da terra. Sofre agora porque o vê, e pensa que seria um bem afastar da vista a causa do seu tormento. Se chegar a partir soffrerá pela ausencia, conseguindo quando muito, variar as suas magoas. A razão afinal não está mais n'isto do que n'aquillo, mas sim no facto do soffrimento mais intoleravel ser sempre aquelle por que estamos passando. Os males passados, diz alguém, são como um ruido muito forte amortecido pela distancia. Os futuros, ninguém sabe o que serão. De positivo só ha os presentes. Para estes aconselho-lhe philosophia e resignação.

JOÃO SEMANA.

vem questionar sobre alimentação! Então não sabe que tudo quanto se refere a este assumpto está sujeito a censura? De mais a mais tratando-se de amor, com a falta enorme que ha de assucar! Nada! aqui anda cilada de republicano para nos comprometter! Não sei de alimento bastante espirital para o seu caso, apesar de já ter havido um homem muito pobre, muito miseravel, que para variar o menu que era todos os dias pão secco, resolveu ir umas vezes por outras para a porta de uma casa de pasto afamada em iscas, comer o seu pão com o cheiro das mesmas! O conducto é fraco, na realidade, mas quantas vezes nas coisas da vida, o nosso espirito se não alimenta de pão com o cheiro de iscas!

Mas se realmente Monica é ella, responder-lhe-hei que para o amor que vive da alma, só como alma se póde alimentar. E do que seja o alimento da alma dar-lhe-hão uma ideia estes deliciosos versos de Lamartine:

L'âme, pour soutenir sa céleste nature,
N'emprunte pas des corps sa chaste nourriture;
Ni le nectar coulant de la coupe d'Hébé,
Ni le parfum des fleurs par le vent dérobé,
Ni la libation en son honneur versée,
Ne sauroit nourrir l'âme: elle vit de pensée,
De désirs satisfaits, d'amour, de sentiments,
De son être immortel immortel aliments.
Grâce à ces fruits divins que le ciel multiplie,
Elle soutient, prolonge, éternise sa vie,
Et peut, apr la vertu de l'éternel amour,
Multiplier son être, et créer à son tour!

Car, ainsi que les corps, la pensée est féconde.
Un seul désir suffit pour peupler tout un monde!

Ex.^{mo} Sr. João Semana.

Ex.^{mo} Senhor:
Depois de muito pensar desisti de saber

A IDEIA NACIONAL

em que idade se ama melhor mas cheguei á conclusão de que só depois da morte se deixa de amar e mesmo assim, quem sabe? Se não ha amor na outra vida deve ser uma grande sensaboria!
Saudades do Senhor Reitor que lhe pergunta se continua praguejando muito.
Uma das pupilas d'elle.

MARGARIDA

Não, minha senhora. Já não praguejo tanto. Os ares da cidade civilisaram-me. Aprendi a fallar difficil com uns senhores muito instruidos que costumam fazer conferencias na Liga Naval a que uso assistir. Devo dizer-lhe tambem que me curei d'aquellas insomnias horriveis de que me queixava ahi.

J. S.

UMA RECEITA POR SEMANA

CONTRA AS VERRUGAS

Com uma varetinha de vidro, de madeira, ou ainda um simples pedacito de palha, embebida em acido phenico, toca-se levemente a verruga; em seguida faz-se o mesmo com uma gotta de acido azotico. Repete-se esta operação duas ou tres vezes por dia, e ao fim de trez dias a verruga terá desaparecido por completo.

PARA AS MÃES LEREM

A ESCOLHA DA AMA

A escolha da ama deve ser feita pelo medico, e a sua saude vigiada cuidadosamente. E' um erro pensar que basta encontrar uma camponesa com aspecto robusto e sadio para a questão estar resolvida. Da criação da creança depende toda a sua robustez futura, e se attendermos a isto comprehenderemos que todos os cuidados são justificados. Por isso uma minuciosa observação da ama feita pelo medico, é absolutamente indispensavel.

Outra coisa que se torna forçoso observar com o maior rigor é a hygiene e o regimen alimentar da mulher que faz a criação. Os vinhos, o alcool e o café devem ser completamente banidos, bem como as carnes pouco frescas, a caça, as carnes de conserva, saladas cruas, coisas muito temperadas ou apimentadas, etc., isto é: a alimentação da ama deve ser simples, composta especialmente de farinaceos taes como feijão, ervilhas, batatas, favas, etc., de hortaliças, fructas, e poucas carnes. Como bebidas apenas a cerveja, a agua mal tinta de vinho, e a agua fervida e filtrada, podendo o uso de uma agua menos pura causar diarrhea e vomitos á creança.

As refeições a tomar deverão ser tres por dia, e se acrescentarmos a isto o levantar e deitar cedo, e o habito de um passeio diario a pé, sem fadiga, pois se a ama não deve estar ociosa por forma alguma tambem se pôde fatigar, teremos a traços largos descripto o regimen e a hygiene a observar. Escusado será dizer que o maior acio no corpo, e os banhos muito amudados ou mesmo diarios são indispensaveis. De uma restricta observancia de estas recommendações depende muito o bom desenvolvimento e a saude da creança, e sobre este ponto e pelas razões já apontadas insistimos muito especialmente.

A forma de reconhecer se o leite ingerido é sufficiente obtem-se pelas fezes: a prisão de ventre indica insufficiencia de alimentação; a diarrhea, leite tomado em demasia, ou em vezes muito approximadas; uma cor amarella doirada e a ausencia de cheiro, que o leite é na quantidade e qualidade que deve ser, e que a saude de creança é perfeita.

E' forçoso regularisar logo na primeira ou segunda semana que se segue ao nascimento as horas em que se deverá dar de mamar, pela forma seguinte: oito a dez vezes em cada vinte e quatro horas, durante os primeiros quatro mezes, isto é, de trez em trez horas de dia, e de quatro em quatro de noite. Nos mezes seguintes até á desmama (15 ou 17 mezes) o numero de vezes irá diminuindo.

Chamamos tambem muito especialmente a attenção das mães para este segundo ponto que se deve rigorosamente observar. Dar leite demasiado ás creanças na ideia de que assim se lhes presta um grande serviço, é um engano. Tudo o que é de mais torna-se prejudicial, n'isto como no resto. Habitua-das a mamar a horas, nunca fóra d'essas horas sentem necessidade de alimento. Tambem se não deve deixar que mamem até querer. A creança é, em geral, glotonã e á mãe ou á ama é que compete calcular a quantidade de leite a dar-lhe. Bolçar o leite indica sempre que mama em demasia, posto que haja ainda quem tome isso como um symptoma salutar, quando afinal não passa de pequenas indigestões em que o leite que o pequenino estomago não comporta, é expellido. As colicas são egualmente causadas pela intemperança, ou ainda por qualquer desmando na alimentação da ama.

Os assumptos versados hoje por nós são da maior importancia para as boas mães.

Ser boa mãe não é apenas amimar os filhos, condescender com elles muitas vezes em pontos que só lhes são prejudiciaes. Ser boa mãe é cuidar d'elles racionalmente, debaixo do ponto de vista da hygiene e da moral, formar *homens* e formar *almas*, o que é um pouco mais difficil... e que toma um pouco mais de tempo.

CORINA.

HYGIENE DA BELLEZA

AS UNHAS

Como seguimento ao que dissemos no numero anterior occupar-nos-hemos hoje do tratamento e forma de aformosear as unhas. Para esse fim é indispensavel possuir um estojo apropriado, em que as thesouras curvas, uma mais delgada para cortar pelles, outra mais forte para as unhas, uma lima para as arredondar, e varios outros utensilios indispensaveis para esse fim, se alinhem ao lado do polidor de camurça, do pó para dar brilho, e da pomada que torna as unhas rosas e transparentes.

A unha mais feia modifica-se sensivelmente sendo tratada, e como nem todos se podem pagar o luxo de entregar as suas mãos saos cuidados de uma *manucure*, ao alcance de todos está realisar por si proprio esses cuidados, desde o momento que saiba como.

Principiaremos pelo corte das unhas. Antes de o praticar devem conservar-se as mãos em agua quente durante dez minutos, pelo menos, e em seguida laval-as muito bem com sabonete e escova. As unhas amolecidas pelo calor da agua, e a pelle mais flexivel ficam assim em optimas condições para se poder dar começo á operação. Cortam-se em seguida as unhas dando-lhes uma forma oval, tendo o cuidado de arredondar os cantos, libertando-os das pelles grossas que ahi se costumam formar, e empregando para este ultimo fim não a thesoura, mas pedra-pomes com que adelgacemos a pelle por meio de uma leve fricção.

Depois linam-se as unhas, empurram-se com um utensilio proprio as pelles que crescem em volta, por forma a deixar bem visivel a «meia lua», que é uma das suas maiores bellezas, e dá-se-lhes finalmente brilho empregando o pó e o polidor.

E' conveniente, como já anteriormente notámos, todas as noites antes do deitar, depois da lavagem das mãos, untal-as com oleo de amendoas doces. D'este cuidado beneficiam não só as mãos como as unhas.

Damos em seguida uma receita de pomada para polir as unhas, que, pela sua extrema barateza, está ao alcance de todos:

Glycerina 4 grammas
Magnesia 10 "
Carmim em pó 20 "

Estende-se com o dedo levemente esta pomada sobre a unha, esfrega-se depois com um pedaço de flanela fininha, e por fim com o polidor.

Recommendamos muito em especial que nunca se arranquem as *espigas* que ás vezes crescem em volta das unhas. Ha muito quem tenha o habito pessimo de as cortar com os dentes. As mãos d'essas pessoas nunca conseguirão ter o aspecto de bem tratadas. As *espigas* devem cortar-se com a tesoura assim que se der por ellas, e mergulhar em seguida o dedo em agua e alcool.

Entre todos os males que podem affectar a mão, não pelo perigo que é nenhum, mas pelo que tem de desagradavel, figura por certo em primeiro logar a transpiração. Realmente nada de menos agradável do que o contacto de uma mão lenta, e a mais d'uma pessoa temos ouvido lastimar-se d'este mal. Para essas recommendamos o seccar amudadas vezes as mãos com pó de amendoa, o laval-as com sabonete e agua em que se adicionará agua de Colonia ou alcool, e o passal-as em seguida com pedra-lume. Tambem se aconselha o expôr as mãos de tempos a tempos aos vapores do alcool adicionado com algumas gottas de tintura de benjoim.

M.º X.

PROFIL... PERDU

Não sei de todo quem é!
Comtudo, quando ella passa,
Adivinha-se-lhe a raça,
No modo de andar até.

P'ra se saber que é thalassa,
Basta ver como o seu pé,
Salta um estribo de coupé,
Com tanta ligeira graça.

E' magra, pallida, airosa.
Immensamente formosa
E fulva, a sua cabeça.

E entrevi outro dia,
N'um anel que ella trazia,
Uma c'róa de condessa.

SILVINO

ANECDOTAS INFANTIS

Alcançou o mais brilhante successo esta nossa secção. Recebemos innumeradas anedotas que agradecemos ás nossas gentis leitoras que tiveram a bondade de nol-as enviar, e que iremos publicando á medida que o espaço o permittir, esperando dever-lhes o obsequio de nos enviarem mais.

R. C.

Tenho uma pequena de quatro annos e um pequeno de seis. Este ultimo não só é muito curioso, como tem o habito de repetir tudo que ouve e vê, habito que eu lhe combato quanto posso. Ha tempos disse-lhe que era necessario aprender que aquillo que se escuta deve entrar por um ouvido e sair pelo outro. A pequena estava presente e ouviu este discurso. Dias depois volta elle muito entusiasmado a dizer-me que vira a creada a esconder um copo partido. Eu ralhei com elle, e a irmã diz de lá muito sentenciosa: «O menino não sabe que aquillo que a gente vê deve entrar por um olho e sair pelo outro?!»

MARIA DO CÉU

Outra:

A Mimi (6 annos) brinca com uma amiga da mesma idade ás visitas.

—«Que lindas meninas», diz a segunda apontando para as duas bonecas que ella leva ao collo. «E' a senhora quem as cria?»

—«Não, minha senhora. Eu crio uma, e o meu marido cria a outra!»

M. M.

CORRESPONDENCIA E INFORMAÇÕES

M.º Rasteiro.—Póde muito bem fazer o seu vestido como diz. A seda *glacée* em vez do oleado não fica mal. E' conveniente n'este caso pôr uma barra pela parte de dentro da saia até á altura da barra de *glacée* afim de lhe dar consistencia.

Aurora.—Continuam a usar-se as botas. Para o verão póde mandar fazel-as amarellas, todas em cabedal, ou com o canno em fazenda e a gaspea só em cabedal, tudo ha mesma cor. Vão usar-se novamente os sapatos abotinados mais commodos para o verão, e... mais baratos!

M.º R. L.—Se V. Ex.ª quizer mandar vir a professora d'Inglaterra posso indicar-lhe um convento que se encarrega da collocação de mestras e de *nurses*.

R. C.

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

As amendoas

Só por acaso reparo,
E só hoje reflecti,
Qu'isto d'amendoas, é raro
Que alguém as compre p'ra si.
Como uns aos outros andamos
A fazer a bocca doce,
Gentilmente permutamos
Com quem amendoas nos trouxe.
E, co'os tempos como vão,
E' crível que muita gente,
Mande aos outros de presente
As amendoas que lhe dão.
Eu vi um cesto, com azas,
Andar n'uma roda viva,
E ir ter á mão primitiva
Depois de correr dez casas!
Pelas coisas que contemplo,
As que não sei avalio;
E passo a dar um exemplo
Das muitas que phantasio.

Supponham os senhor's, por um momento,

Que o bom Antonio Zé,
Recebera o gentil offerecimento,
—Bem provavel até,—
D'uma cesta doirada com bonbons,
Pralines e marrons.
E, porque é d'uso em occasiões d'estas,
—É a mania de dar, tanto lhe quadra,—

Queiram pôr n'esse cesto as boas-festas,
Do commandante em chefe da esquadra.
Uma vez accete pois,
A hypothese defensavel,
Porque o Leotte é amavel,
E são amigos os dois;
Supponhamos senhores, Antonio Zé,
A receber amendoas em sua casa,
N'uma abundancia tal que se extravasa
Pelos degraus até.

Começa a comer amendoa.
Mas a amendoa é tanta! tanta!
Que a não acaba, comendo-a,
Em toda a Semana Santa!
(Porque um ministro d'Estado,
Que é um chefe de partido,
E' de crer, que tenha sido
Bastante mimoseado...)

Como comecem a doer-lhe os dentes,
Um grande desalento o anniquilla.
Resolve distribuila
Por amigos e parentes.
Entre esses, avulta naturalmente,
—Alto, no claro céu, com brilhos d'astro,—

O seu antigo amigo e confidente,
O Pimenta de Castro.
Trémula hesita a commovida mão,
Entre a pobreza humilde d'um cartucho,

E as cartonagens de luxo,
Prodigios de papelão.
E então, sem que repare, attente ou note,

Na sua distracção de poetaastro,
Manda ao Pimenta de Castro,
As amendoas do Leotte.

E assim Pimenta, em seu lar,
E em seus ocios de velhote,
Delicia o paladar,
Entretido a mastigar
As amendoas do Leotte.

Embora nada revele
A minha *blague* innocente,
Que foi escripta, unicamente,
Co'o fim de sujar papel;
Talvez vos faça pensar,
Que, aquillo por nós offerto,
Não se sabe bem ao certo,
A que mãos irá parar.

ANTONIO CARNEIRO

«A IDEIA NACIONAL»

OS SEUS ESCRITORIOS EM PARIS

Todos os assumptos relativos a publicidade estrangeira da Ideia Nacional devem ser tratados com a nossa agencia commercial em Paris L'Information Universelle—101—Rue Saint Lazare.

Os nossos escriptorios, salão de leitura onde se encontram todos os jornaes portuguezes e estrangeiros, gabinete de informações, etc., estão á disposição dos leitores d'A Ideia Nacional na Rua Vivienne, 47—Paris.



INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT,"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

Os jornaes portuguezes já se tem referido em diversas occasiões a esta notavel publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguezas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O noso Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicára varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por lh'o não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista franceza no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opliticas, economicas e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados. LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portuguezes que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c. LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra á venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPANHA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPAÑHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANNUCIOS E PARA ONDE DEVEM SER

DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANGEIRAS * * * *
CARTONAGENS E CORBEILLES * * * *

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Herbert Esteves & C.^a

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM MAQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, CAIXAS REGISTRADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODASS MARCAS

TLF. 2309

CAES DO SODRÉ, 10

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA

+ R. DA EMENDA, 45 r/c +

CALENDARIO ARTISTICO

LINDAS AGUARELLAS

Originacs de diversos pintores portuguezes * * * * *

UM BRINDE CHIC

A VENDA NA SECÇÃO COMMERCIAL DA

IDEIA NACIONAL

AO PREÇO DE 850 RÉIS (FRANCO DE PORTE)

REIS TORGAL

ADVOGADOS

RUA DA PRATA, 149, 1.º D.º

OBJECTOS D'ARTE ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS
ESTATUETAS
JOIAS
QUADROS

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

LISBOA

ROUPARIA E RETROZARIA

ANTIGA **CASA SUISSA**

R. DO AMPARO, 53, 55

ROCIO, 96, 98

LISBOA

ENXOVAES COMPLETOS PARA NOIVA E RECEMNASCIDOS

SEMPRE AS MAIS RECENTES NOVIDADES

MALHAS E CONFECÇÕES DE PELLAS

Telegrammas (Iman)

Lima Netto, Moura & Comp.^a

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844

POUPÉE ARTISTIQUE

BONECOS INQUEBRAVEIS, RIVALISANDO COM OS DOS MELHORES FABRICANTES ESTRANGEIROS

E. B. GOMES

R. CORREIROS, 15, 2.º

LISBOA

JULIO MIRANDA

NOVIDADES PARA HOMEM

LISBOA

ROCIO, 16

MAISON BLANCHE

ROUPARIA BRANCA PARA SENHORA

TELEPHONE 735

BOLOS

CREMES

PASTEIS

PUDINGS

SÓ FICAM PERFEITOS EMPREGANDO A FARINHA

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY
NEW YORK U. S. A.

Á VENDA EM TODAS AS BOAS MERCEARIAS